

PRÁTICAS DE LINGUAGEM NA ESCOLA

EXPERIÊNCIAS DE DOCÊNCIA

Organizadores:

Isabel Cristina Lucca
Janine Maciel Guilherme
Morgana Fabiola Cambrussi
Valdir Prigol



DIALÉTICA
EDITORA



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL**

PRÁTICAS DE LINGUAGEM NA ESCOLA

EXPERIÊNCIAS DE DOCÊNCIA

CONSELHO EDITORIAL



Alexandre G. M. F. de Moraes Bahia
André Luís Vieira Elói
Antonino Manuel de Almeida Pereira
António Miguel Simões Caceiro
Bruno Camilloto Arantes
Bruno de Almeida Oliveira
Bruno Valverde Chahaira
Catarina Raposo Dias Carneiro
Christiane Costa Assis
Cíntia Borges Ferreira Leal
Claudia Lambach
Cristiane Wosniak
Eduardo Siqueira Costa Neto
Elias Rocha Gonçalves
Evandro Marcelo dos Santos
Everaldo dos Santos Mendes
Fabiani Gai Frantz
Fabiola Paes de Almeida Tarapanoff
Fernando Andacht
Frederico Menezes Breyner
Frederico Perini Muniz
Giuliano Carlo Rainatto
Gláucia Davino
Hernando Urrutia
Izabel Rigo Portocarrero
Jamil Alexandre Ayach Anache
Jean George Farias do Nascimento
Jorge Douglas Price
Jorge Manuel Neves Carrega
José Carlos Trinca Zanetti
Jose Luiz Quadros de Magalhaes
Josiel de Alencar Guedes
Juvencio Borges Silva
Konradin Metz
Laura Dutra de Abreu
Leonardo Avelar Guimarães
Lidiane Mauricio dos Reis
Ligia Barroso Fabri
Lívia Malacarne Pinheiro Rosalem

Luciana Molina Queiroz
Luiz Carlos de Souza Auricchio
Luiz Gustavo Vilela
Manuela Penafria
Marcelo Campos Galuppo
Marco Aurélio Nascimento Amado
Marcos André Moura Dias
Marcos Antonio Tedeschi
Marcos Pereira dos Santos
Marcos Vinício Chein Feres
Maria Walkiria de Faro C Guedes Cabral
Marilene Gomes Durães
Mateus de Moura Ferreira
Mauro Alejandro Baptista y Vedia Sarubbo
Milena de Cássia Rocha
Mirian Tavares
Mortimer N. S. Sellers
Nígela Rodrigues Carvalho
Paula Ferreira Franco
Pilar Coutinho
Rafael Alem Mello Ferreira
Rafael Vieira Figueiredo Sapucaia
Raphael Silva Rodrigues
Rayane Araújo
Regilson Maciel Borges
Régis Willyan da Silva Andrade
Renata Furtado de Barros
Renildo Rossi Junior
Rita de Cássia Padula Alves Vieira
Robson Jorge de Araújo
Rogério Luiz Nery da Silva
Romeu Paulo Martins Silva
Ronaldo de Oliveira Batista
Susana Costa
Sylvana Lima Teixeira
Vanessa Pelerigo
Vitor Amaral Medrado
Wagner de Jesus Pinto

PRÁTICAS DE LINGUAGEM NA ESCOLA

EXPERIÊNCIAS DE DOCÊNCIA

Organizadores:

Isabel Cristina Lucca
Janine Maciel Guilherme
Morgana Fabiola Cambrussi
Valdir Prigol



DIALÉTICA
EDITORA



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Copyright © 2026 by Editora Dialética Ltda.

Copyright © 2026 by Isabel Cristina Lucca, Janine Maciel Guilherme, Morgana Fabiola Cambrussi e Valdir Prigol (Orgs.).

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P912I Práticas de linguagem na escola : experiências de docência [livro eletrônico] / organização de Isabel Cristina Lucca ... [et al.]. – São Paulo : Editora Dialética, 2026.
2000 Kb ; ePUB.
Bibliografia.
ISBN 978-65-288-2425-0
1. Língua portuguesa — Estudo e ensino (Ensino médio). 2. Prática pedagógica. 3. Formação de professores. 4. Leitura e escrita — Estudo e ensino. I. Lucca, Isabel Cristina, org. II. Guilherme, Janine Maciel, org. III. Cambrussi, Morgana Fabiola, org. IV. Prigol, Valdir, org. V. Título.
CDD-469.0712

Laís Silva Cordeiro – Bibliotecária – CRB-7/7753

THEMA CJCK · JNMT · YQB · 1KBB-BR-S
BISAC EDU029000 · EDU005000 · EDU029050
PALAVRAS-CHAVE práticas de linguagem · ensino de língua portuguesa · ensino médio · prática docente · oficinas de leitura e escrita · formação de professores · pet all ufs · extensão universitária
KEYWORDS language practices · portuguese teaching · high school education · teaching practice · reading and writing workshops · teacher training · university extension



📍
SÃO PAULO
Av. Brig. Faria Lima, 3729
5º andar · São Paulo/SP
Brasil · CEP 04538-905

📍
NOVA YORK
447 Broadway
2nd Floor · New York/NY
USA · ZIP 10013

📍
MADRID
Calle Hermosilla 48
1ª derecha · Madrid
España · CP 28001



editoradialetica.com



@editoradialetica



/editoradialetica



/editoradialetica



@EditoraDialeticaOficial

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - MEMÓRIAS LITERÁRIAS: PRÁTICA PEDAGÓGICA E EXTENSÃO CURRICULAR	9
---	----------

Angela Derlise Stübe | Morgana Fabiola Cambrussi | Valdir Prigol

CAPÍTULO 2 - MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM CONTEXTO EDUCACIONAL INTERCULTURAL	17
---	-----------

Eduardo Elian Vicari | Aline Cassol Daga Cavalheiro

TEXTOS DE MEMÓRIAS – PARTE I

PRODUÇÕES DE ESTUDANTES DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO EEB LARA RIBAS – CHAPECÓ-SC 2025	64
--	-----------

AQUELE TOMBO	65
---------------------------	-----------

A ANGÚSTIA DE UMA PARALISIA	67
--	-----------

O PERIGOSO ANEL DE PLÁSTICO	69
--	-----------

AMIZADE MARCÁVEL.....	71
------------------------------	-----------

MEU PRIMEIRO CAMPEONATO	73
--------------------------------------	-----------

MORDIDA FERROZ.....	74
----------------------------	-----------

PATINS	76
A MINHA CICATRIZ	78
O DIA EM QUE ME ACIDENTEI DE BICICLETA	80
O TRÂNSITO	82
NONA RANZINZA.....	84
A VELHA DA CASA ABANDONADA.....	86
KILÓMETROS.....	89
MINHA ORELHA QUEBRADA	91
A VÓ ROSA	93
TEXTOS DE MEMÓRIAS – PARTE II	
PRODUÇÕES DE ACADÊMICOS DO CURSO DE LETRAS UFFS 2025.....	95
TERRA MOLHADA.....	96
UMA MEMÓRIA JAMAIS RETORNADA.....	98
O SABOR DA MEMÓRIA	100
ENTRE AREIA E MEMÓRIA	102
AVÔ.....	105
A VIDA ENQUANTO LEITOR DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS.....	107
A FOGUEIRA	111

RELÂMPAGO DE MEMÓRIA E SAUDADE	114
A COISA DO PORÃO	116
UMA VOLTA AO PASSADO	118
MISSA <i>DEFUNCTORUM</i>	120
À TARDE	124
SAUDADES	127
A CARTA	130
HÁ MUITO TEMPO	132
MENSAGEM (FINAL DE TARDE)	134
O COELHO	136
DO CAOS A UMA ESPERANÇA DE FUTURO	139
MEMÓRIAS DISTANTES	141

CAPÍTULO 1

MEMÓRIAS LITERÁRIAS: PRÁTICA PEDAGÓGICA E EXTENSÃO CURRICULAR

Angela Derlise Stübe
Morgana Fabiola Cambrussi
Valdir Prigol¹

Os textos apresentados neste livro resultam da realização de uma oficina desenvolvida com uma turma regular de estudantes de 2º ano do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Lara Ribas, em Chapecó-SC, sob orientação da professora Isabel Cristina Lucca, em parceria com a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), por meio do Programa de Educação Tutorial Assessoria Linguística e Literária da UFFS (PET ALL) e dos Programas de Extensão “Clube de Leitura: Travessias” e “Extensões em Letras”. No segundo semestre letivo de 2025, de agosto a novembro, estudantes da 8ª fase do Curso de Letras atuaram na extensão curricular por meio do componente Projetos de

1 Professores do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – licenciatura e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFFS, *Campus* Chapecó.

Extensão II, de natureza extensionista, e também por meio de componentes mistos, com carga horária teórica e extensionista: Diversidade Linguística, Enunciação e Discurso, Literatura Brasileira II, Sintaxe da Língua Espanhola I.

Antes de comentarmos a articulação desses componentes, importa destacarmos que a oficina de ensino, intitulada “Entre memórias e vozes: um *podcast* para valorizar experiências e culturas”, foi desenvolvida para a aplicação de uma proposta didática homônima elaborada como parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do estudante Eduardo Elian Vicari, sob orientação da docente Dra. Aline Cassol Daga Cavalheiro. A proposta pode ser conhecida no próximo capítulo, em que os autores apresentam e detalham o trabalho, as atividades e até mesmo parte dos pressupostos teóricos que fundamentam as decisões metodológicas eleitas para o estudo das práticas de linguagem em um contexto de respeito e de promoção da multiculturalidade no ensino de línguas.

O autor da proposta didática, durante sua trajetória como aluno do Curso de Letras, foi bolsista vinculado ao PET ALL, tendo desenvolvido atividades relacionadas ao ensino de língua e ao estudo da multiculturalidade, que depois vieram a dialogar com a escolha de seu tema de TCC. Outra geração petiana que marca presença neste trabalho é representada pela acadêmica Janine Maciel Guilherme, que organiza esta coletânea e, ainda, atuou na sistematização dos textos de memória literária desenvolvidos. Não poderíamos deixar de registrar que essa articulação entre o conhecimento produzido pela participação de estudantes em programas de formação acadêmica, pelo estudo de TCC e, por fim, pela integração de componentes curriculares distintos por meio da prática de extensão universitária é um movimento bastante salutar para uma formação inicial integral de futuros docentes, pois se revela como uma promissora forma de efetivação da tríade universitária. Essa efetivação se construiu organicamente articulada à proposta de trabalho de cada componente envolvido com a extensão.

Na disciplina de Enunciação e Discurso, iniciamos a articulação com Projeto de Extensão II e Literatura Brasileira II pela leitura e debate do texto “Aula de Língua Portuguesa: língua e literatura em relação” (Stübe; Prigol, 2024); o propósito desse texto é compreender “uma possível articulação entre Literatura e ensino de Língua Portuguesa, por meio de práticas de leitura, de memórias, de recortes culturais, históricos e sociais” (p. 187). A discussão levou em conta a centralidade do trabalho com o texto, a fim de desenvolver práticas de leitura, práticas de escrita e reescrita de textos e práticas de análise linguística.

Lemos o texto “Dançarinos da última noite”, de Milton Hatoum, publicado no livro *A cidade ilhada* um dia antes de Hatoum ser eleito para a Academia Brasileira de Letras! Realizamos uma leitura em voz alta, prática de leitura que toca o sujeito em vários sentidos. A experiência de leitura foi intensa, gratificante e mobilizou memórias. A partir do diálogo que se sucedeu, solicitamos aos alunos que escrevessem “uma memória feliz futura”. Essas produções textuais foram compartilhadas, discutidas e, depois, propusemos análises linguísticas para auxiliar na reescrita do texto produzido. Com isso, vivenciamos aquilo que, nas atividades curriculares, compreendemos como prática na aula de língua portuguesa: centralidade do texto e relação do leitor com o texto.

Outro ponto que emergiu da articulação das disciplinas e da discussão em sala de aula foi o espaço para o multiculturalismo e a diversidade linguística presente nas salas de aula da universidade e das escolas. Para aprofundar esse debate, a estagiária de docência Grazielle de Almeida Canalle apresentou para a turma da 8ª fase resultados da sua pesquisa de doutoramento, que trata de sentidos sobre acolhimento a alunos migrantes na legislação educacional de Santa Catarina. Analisamos os seguintes documentos: a Resolução CNE/CP nº 1, de 13 de novembro de 2020, que estabelece as diretrizes nacionais para o atendimento escolar de crianças, adolescentes e jovens em situação de migração, solicitação de refúgio, refúgio, apatridia e retornados ao Brasil; a Lei Estadual nº 18.018, que institui a Política Estadual para a População

Migrante; a Portaria SED nº 2083/2023, que regulamenta os procedimentos relativos à matrícula e ao aproveitamento de estudos realizados no exterior; o Projeto Pedagógico do Programa de Acolhimento a Refugiados e Estrangeiros PARE/SC, cujo objetivo é promover a acolhida humanizada dos estudantes migrantes. Foi um momento rico e intenso de troca de experiências, no qual os alunos mobilizaram conhecimentos produzidos a partir do CCR Diversidade Linguística e de suas experiências como docentes na educação básica, atendendo crianças migrantes. Também destacaram suas experiências como descendentes de migrantes, sua relação com diferentes línguas e variedades linguísticas e seu impacto em sua formação como professores de língua(s).

Na sequência, propusemos uma prática que envolveu os componentes curriculares “Enunciação e Discurso” e “Literatura Brasileira II”, fazendo conexões com o “Projeto de Extensão”. O eixo orientador foi intervenção no contexto escolar por meio de apresentação/análise de um texto literário e elaboração de uma oficina didática. A prática se constituiu de duas atividades interconectadas: a) elaboração de um ensaio, a partir da análise de uma das obras literárias trabalhadas no CCR Literatura Brasileira II em diálogo com o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso; b) planejamento de uma oficina didática, utilizando essa obra literária e o ensaio produzido, como processo de transposição didática. Na sequência, essa prática foi apresentada à turma, para discussão dos pontos nodais e com possibilidades de aperfeiçoamento da proposta.

Uma noção que atravessou as práticas desenvolvidas e toda a disciplina foi a de memória. A partir de uma perspectiva discursiva, compreendemos a memória discursiva como espaço pleno em saturações e esburacamentos, relacional, histórica, multicultural, que abarca outros dizeres historicamente construídos e que o sujeito reatualiza em seu discurso (Pêcheux, 2010). Concerne à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas, pois o sentido não é dado *a priori*, mas constituído na historicidade que marca a relação do homem com a

linguagem. Essas reflexões ressoaram em outras práticas desenvolvidas com os alunos da 8ª fase, como descrito a seguir.

Na disciplina de Literatura Brasileira II, escolhemos alguns textos curtos que tivessem a presença da memória para leitura e debate, como “O espelho”, de Machado de Assis, “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, “Inseto sentimental” e “Dois tempos”, de Milton Hatoum, e o trecho inicial do texto “Literatura e esfera pública”, de Beatriz Sarlo. Desde o início, “O espelho” ganhou centralidade na turma e sempre retornava nos debates. O texto de Machado de Assis era um dos textos programados para o semestre e, dada a recepção, o utilizamos como entrada para o debate sobre texto de memória, trazendo os demais em diálogo.

O que “O espelho” tem de especial? No conto de Machado de Assis, conhecemos a história de Jacobina, que passa em um concurso aos 25 anos e, de modo inesperado, é nomeado alferes da guarda nacional. Esse foi um acontecimento para ele, para a família e para a vizinhança (que ajudou na compra do uniforme). Uma tia, que morava em uma fazenda, pede que ele vá vê-la e que leve a farda. Tão impactada com o sucesso do sobrinho, manda colocar o objeto mais valioso da casa, um espelho, no seu quarto. Foi tão paparicado por todos que, quando a tia teve que acudir uma filha doente e os escravos fugiram, começou a colocar em dúvida a própria existência pessoal. O conto é bastante complexo e o fato que exploramos em sala é a estrutura narrativa dele: o conto tem dois narradores e é dividido em duas partes. A primeira parte, com a qual trabalhamos diretamente, é narrada por um narrador onisciente no presente de leitura. Ele apresenta de forma ácida e irônica cinco cavalheiros que se reúnem para discutir e resolver meta-fisicamente os problemas da humanidade. Um deles, o próprio Jacobina, pouco fala porque não quer entrar em polêmica, mas, incitado por uma discussão sobre a alma humana, ele toma a palavra e conta a sua história para propor uma “teoria” sobre o assunto: temos duas almas – uma que olha de fora para dentro e outra que olha de dentro para fora.

O conto tem muitas leituras magníficas, como as de João Cezar de Castro Rocha e Alfredo Bosi, mas o que chamou a nossa atenção foi a estrutura da memória do texto, ao colocar um narrador no presente e, a partir de um ponto, um narrador que traz um evento do passado para o presente. A partir dele, foi possível observar essa mesma estrutura nos contos, crônicas e ensaios que lemos. Todos eles iniciam no presente e, por meio de um segundo narrador ou de um objeto, temos acesso a um passado. O debate em torno dessa estrutura presente em “O espelho” nos levou ao debate dos gêneros crônica e romance, que possuem essa mesma estrutura como base. Por falar em romance, podemos lembrar de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, “São Bernardo”, de Graciliano Ramos, “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa, “A paixão segundo G.H.”, de Clarice Lispector, “Relato de um certo oriente”, de Milton Hatoum, entre outros.

Esse debate em torno do conto de Machado de Assis nos conectou com os textos de Walter Benjamin, especialmente “Teses sobre o conceito de história” e “Sobre alguns temas em Baudelaire”. No primeiro, Benjamin propõe que o passado relampeja no céu do presente, isto é, o presente reconfigura de um determinado modo o passado [e esse passado nunca cessa de reconfigurar o presente]; no segundo, a partir de Proust, dirá que a experiência é conexão de um evento do presente com uma percepção do passado. É uma imagem belíssima (e desafiadora) que Benjamin nos propõe para pensar a memória e que pudemos ver nos textos literários que lemos, mas também em ensaios do presente de autores como João Cezar de Castro Rocha e Georges Didi-Huberman. Mas o mais emocionante estava por vir. Passamos três aulas lendo e debatendo esses textos para pensar a estrutura da memória. Na quarta aula, cada estudante escreveu um texto de memória (de um evento vivido ou inventado), tomando como ponto de partida o presente, fazendo vir, por meio de algum objeto, narrador ou sensação, um passado. Os textos que os estudantes escreveram são maravilhosos; nos emocionamos lendo em voz alta e durante a leitura para organizar este volume. E esperamos que outros leitores se emocionem também.

Além de todos esses elementos a que já demos destaque no trabalho integrado por meio da extensão curricular, ainda desejamos registrar que as atividades desenvolvidas pelos acadêmicos na escola, ao longo da oficina, foram planejadas para atender ao bilinguismo do par linguístico português e espanhol, em atividades diretamente articuladas entre os componentes de Projetos de Extensão II e Sintaxe da Língua Espanhola I. Essa atuação bilíngue não reflete apenas as duas habilitações do Curso de Letras da UFFS, mas também o cenário multilíngue e multicultural que compõe a cena da educação em Chapecó e região, em especial após os movimentos migratórios mais recentes.

Os textos que compõem esta coletânea foram produzidos em dois momentos e estão organizados conforme esses contextos de produção. Na primeira parte, logo após o capítulo da proposta didática, são apresentados os textos produzidos no contexto escolar, pela turma de estudantes do 2º ano do Ensino Médio, respeitado o desejo de publicação de cada autor. Essa produção se desenvolveu durante a realização da oficina e esteve voltada à elaboração de *podcasts*, além de se destinar à publicação nesta coletânea. Em seguida, na segunda parte, estão apresentados os textos de memórias literárias produzidos pelos acadêmicos de Letras, que ministraram a oficina na escola, conforme o desejo de publicação manifesto por esses autores. Como parte de sua preparação para a prática extensionista, os licenciandos foram convidados a igualmente visitar suas memórias e exercitar a escrita a partir das leituras, das discussões e dos estudos realizados em sala, e também a partir das inquietações que foram surgindo durante a etapa de planejamento da extensão curricular.

Desejamos que este material seja um suporte para professores da educação básica da área de linguagens que busquem desenvolver atividades para fomentar a escrita criativa e afetiva, como a que caracteriza os textos de memórias literárias. A proposta didática, integralmente replicada nesta obra, pode ser adaptada conforme as necessidades de cada circunstância de ensino e, por isso, segue com detalhamento dos

elementos que cada etapa enfoca, a fim de que o professor tenha clareza de como o trabalho progride no planejamento e quais elementos estão sendo trabalhados a cada passo. Por fim, os textos de memórias literárias, produções de nossos estudantes, são aqui apresentados com o desejo de que tenhamos todos bons momentos de encontro com o texto e com a memória que é do outro, mas que também pode se conectar com as memórias do leitor.

Referências

PÊCHEUX, M. **Papel da memória**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

STÜBE, A.; PRIGOL, V. Aula de Língua Portuguesa: língua e literatura em relação. In: SANTOS, M. da S.; LACHOVSKI, M. A. (org.). **Entre equívocos e deslocamentos**: língua e literatura em movimento. Campinas: Pontes Editores, 2024.

CAPÍTULO 2

MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM CONTEXTO EDUCACIONAL INTERCULTURAL

Eduardo Elian Vicari¹
Aline Cassol Daga Cavalheiro²

Neste capítulo, apresentamos o Material Didático-Pedagógico (doravante MD-P) intitulado *Entre memórias e vozes: um podcast para valorizar experiências e culturas*, fruto de um exercício de elaboração didática realizado no âmbito da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso *O gênero podcast na sala de aula: possibilidades no ensino de Língua Portuguesa para a inclusão de alunos imigrantes* (Vicari, 2025), do

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Egresso do PET Assessoria Linguística e Literária da UFFS e do Curso de Letras Português e Espanhol – licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó.

2 Doutora em Linguística, docente do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó.

curso de Graduação em Letras – Português e Espanhol, licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó, sob autoria de Eduardo Elian Vicari e orientação da professora doutora Aline Cassol Daga Cavalheiro, defendida em 2025.

Ao longo da graduação no Curso de Letras, é fundamental que os acadêmicos desenvolvam a capacidade de elaborar e refletir sobre propostas didáticas que mobilizem diferentes habilidades relacionadas às práticas de linguagem na educação básica. É sob essa perspectiva que se insere a proposta didática apresentada a seguir. Sua elaboração demandou uma investigação articulada entre distintos campos teóricos e pedagógicos, em busca de uma mesma finalidade: promover o ensino de Língua Portuguesa (doravante LP) por meio do gênero *podcast*, em contextos nos quais convivem estudantes brasileiros e imigrantes, possibilitando, ao mesmo tempo, a valorização das experiências pessoais e da diversidade humana.

Para tanto, articulam-se saberes de dois eixos teóricos principais: o ensino de LP pautado na perspectiva dialógica da linguagem, proposta pelo Círculo de Bakhtin, e os estudos da interculturalidade, conforme os fundamentos de Vera Candau (2014). Além disso, problematizamos como articular os gêneros do discurso às aulas de LP de modo que funcionem como ferramentas para o ensino, e não como fins em si mesmos. À luz desses referenciais, o MD-P foi desenvolvido de maneira dialógica e interativa, buscando dialogar com o(a) professor(a) da educação básica, ao mesmo tempo que apresenta explicações claras, fundamentações teóricas e orientações práticas sobre como aplicar cada etapa do material.

Essa escolha se justifica pela necessidade de criar um espaço de interlocução entre o material e o docente, de modo que o conteúdo teórico não se torne distante da prática pedagógica. A proposta dialógica permite que o(a) professor(a) compreenda as bases conceituais e possa apropriar-se delas mesmo que ainda não as domine integralmente, especialmente diante das múltiplas adversidades enfrentadas na área da

educação, como a falta de tempo ou de recursos para elaborar propostas didáticas ancoradas em referenciais teóricos sólidos e alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Por essa razão, o MD-P apresenta inicialmente uma breve abordagem teórica, essencial para contextualizar o material; contudo, para que sua aplicação seja efetiva, é indispensável o domínio dos conhecimentos que o fundamentam.

Em consonância com o exposto, a temática central da proposta didática — a inclusão de estudantes imigrantes e a valorização da pluralidade humana — foi escolhida por refletir uma realidade contemporânea do Brasil, país que, atualmente, recebe um número significativo de imigrantes, em sua maioria, falantes de língua espanhola. Entre esses, encontram-se crianças e jovens que dão continuidade à escolarização em território brasileiro, trazendo consigo repertórios linguísticos e culturais diversos. Diante desse cenário, as práticas pedagógicas precisam ser repensadas, de modo a reconhecer e acolher tais experiências sem apagá-las, mas, antes, convertendo-as em oportunidades de aprendizagem e troca.

Foi sob essa perspectiva que concebemos um ensino de LP que toma os gêneros do discurso como instrumentos para o desenvolvimento das práticas de linguagem, com destaque para o gênero multimodal *podcast*, eixo estruturante do MD-P. Além de favorecer o trabalho com múltiplas linguagens, o *podcast* é aqui compreendido como um espaço de expressão, escuta e diálogo intercultural, capaz de promover o acolhimento e a inclusão dos estudantes imigrantes em consonância com os princípios da educação intercultural. Assim, o material propõe uma escola que rompe com ideais homogeneizadores e reconhece as diferenças como riqueza formativa e humana, criando um ambiente de convivência, respeito e aprendizagem mútua entre imigrantes e brasileiros.

Na sequência, apresentamos na íntegra o MD-P *Entre memórias e vozes: um podcast para valorizar experiências e culturas*, composto de sete seções, além das referências e de um apêndice, elaborado especialmente para professores da educação básica brasileira, com o intuito

de contribuir para práticas pedagógicas que unam teoria, sensibilidade e compromisso com a diversidade. Antes de iniciar a apresentação da proposta didática – o que é feito na sexta seção –, o material contém algumas seções iniciais, nas quais há breves reflexões e explicações sobre: a importância de se trabalhar com gêneros do discurso multimodais; o gênero *podcast*; educação intercultural – sempre relacionando essas questões às aulas de LP. Além disso, há uma seção em que são analisados brevemente dois *podcasts* diferentes, com o propósito de chamar a atenção para a estrutura composicional e a relativa estabilidade dos gêneros.

Na sequência, há a descrição da proposta, com explicações sobre cada uma das etapas: (i) Apresentação da proposta didática e início das orientações para o trabalho com o *podcast*; (ii) Trabalho com o gênero memórias literárias; (iii) Introdução ao gênero *podcast*; (iv) Roteiro do *podcast*; (v) Gravação do *podcast*. Cada etapa está dividida em seis seções: objetivo geral do material; objetivos específicos da etapa; conteúdos programáticos; metodologia; descrição das ações procedimentais; recursos necessários. Essa organização é baseada, em parte, em um plano de trabalho docente, elaborado por Lottermann (2022)³, em sua dissertação intitulada *O gênero discursivo digital podcast aplicado à educação: pressupostos teóricos e práticos*.

O objetivo é que essa proposta promova reflexões sobre as possibilidades relacionadas ao uso do *podcast* em sala de aula para a inclusão de alunos imigrantes e “[...] a expressão de diferentes vivências em que apareça a pluralidade” (Candau, 2016, p. 814). Nesse sentido, deve ser entendida como uma proposta aberta, passível de modificações e fonte de inspiração para outras elaborações dessa natureza. Reforçamos, com isso, nosso distanciamento de movimentos limitadores que transpõem construções apriorísticas e uniformizantes no âmbito do ensino.

3 Lottermann desenvolveu sua proposta com base em uma adaptação do modelo de Trabalho Docente de Gasparin (2007).

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CANDAU, V. M. **Concepção de educação intercultural**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014. Documento de trabalho.

CANDAU, V. M. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 802-820, 2016.

GASPARIN, J. L. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2007.

LOTTERMANN, G. F. **O gênero discursivo digital podcast aplicado à educação: pressupostos teóricos e práticos**. 2022. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.

VICARI, E. E. **O gênero podcast na sala de aula: possibilidades no ensino de Língua Portuguesa para a inclusão de alunos imigrantes**. 79 p. Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2025.



ENTRE MEMÓRIAS E VOZES:

UM *PODCAST* PARA VALORIZAR
EXPERIÊNCIAS E CULTURAS

Eduardo Elian Vicari





Eduardo Elían Vicari

ENTRE MEMÓRIAS E VOZES:

UM *PODCAST* PARA VALORIZAR
EXPERIÊNCIAS E CULTURAS

1 Apresentação

Caro(a) professor(a),

Este material didático-pedagógico foi elaborado especialmente para você, docente de Língua Portuguesa (doravante LP) da Educação Básica brasileira, que enfrenta o desafio de planejar suas aulas conciliando o ensino das práticas de linguagem por meio dos gêneros discursivos em contextos escolares diversos. Dentre esses contextos, destacam-se aqueles que acolhem estudantes que não têm o português como língua materna, muitos deles oriundos de migrações forçadas de países da América Latina e do Haiti, marcados por adversidades que os levaram a emigrar para o Brasil.

Fruto da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulada *O gênero podcast na sala de aula: possibilidades no ensino de Língua Portuguesa para a inclusão de alunos imigrantes*, do curso de Graduação em Letras – Português e Espanhol, licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó, sob autoria de Eduardo Elian Vicari e orientação da professora doutora Aline Cassol Daga Cavalheiro, este material propõe-se como um guia adaptável aos diversos contextos das escolas brasileiras. Seu objetivo é auxiliar na construção de aulas que promovam o ensino de práticas de linguagem a partir dos gêneros do discurso, contribuindo para a inclusão e o acolhimento de estudantes imigrantes e a valorização da diversidade e pluralidade humana. Esperamos que você aproveite ao máximo este recurso que está à sua disposição!

Antes de apresentarmos a proposta didática, dividida em cinco etapas, que contempla o trabalho com o gênero do discurso *podcast*, vamos abarcar, brevemente, alguns conceitos e algumas discussões importantes sobre gêneros do discurso e a educação intercultural na relação com as aulas de LP.

2 Qual é a importância de trabalhar com gêneros discursivos multimodais, segundo a BNCC?

Professor(a), com certeza você já parou para pensar em como as formas de comunicação vêm mudando com o avanço das tecnologias digitais e como isso tem implicações para o seu trabalho com as práticas de linguagem em sala de aula, não é mesmo? Atualmente, não nos comunicamos apenas por meio do discurso escrito ou falado. Utilizamos imagens, sons, vídeos, emojis, memes e tantos outros recursos que tornam nossa comunicação ainda mais complexa. É justamente nesse cenário que os gêneros multimodais ganham espaço, ampliando as possibilidades de enunciação e exigindo de nós, educadores, novas formas de ensinar e de promover o uso da linguagem em sala de aula.

Mas como isso se relaciona com o seu trabalho na disciplina de Língua Portuguesa? A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) nos convida a “[...] ampliar a participação dos jovens nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso das linguagens” (Brasil, 2018, p. 481), propondo experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), vinculadas ao desenvolvimento cultural, à cidadania, ao mundo do trabalho e aos estudos continuados (Brasil, 2018).

Assim, ao ensinar práticas de linguagem por meio dos gêneros multimodais, você vai muito além da leitura e da escrita convencionais: está formando estudantes capazes de atuar criticamente na sociedade, aptos a se comunicar nas mais diversas esferas sociais, tanto nas que já conhecem quanto naquelas que ainda irão conhecer. Como nos lembra Magda Soares, letramento “[...] não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (Soares, 2009, p. 72).

Dessa forma, ao incluir gêneros multissemióticos nas práticas pedagógicas, você, professor(a), não apenas acompanha as

transformações das formas de comunicação, mas também promove a inclusão de sujeitos com diferentes repertórios culturais e linguísticos, especialmente no contexto atual, marcado pela diversidade e pela presença cada vez maior de estudantes imigrantes em nossas escolas. Em nossa compreensão, o trabalho com o gênero discursivo *podcast*, além de contribuir significativamente para o aprimoramento das práticas de linguagem dos estudantes, também pode favorecer seu acolhimento em sala de aula, pois, por meio dele, podem ser construídos diálogos entre diferentes culturas e saberes, abraçando e acolhendo o que é diferente.

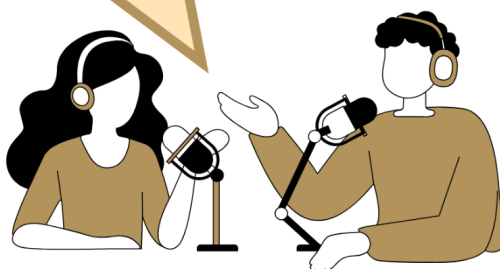
Além disso, ressaltamos que todos somos diferentes — inclusive os próprios estudantes brasileiros —, o que evidencia a importância de valorizar a diversidade e a pluralidade humana como fundamentos essenciais para uma educação verdadeiramente inclusiva, que respeite e acolha as múltiplas identidades presentes no ambiente escolar.

Você já ouviu falar sobre os gêneros multimodais e multissemióticos, mas sabe exatamente o que eles significam e como funcionam na comunicação? Esses gêneros estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia, especialmente em ambientes digitais e educativos. Para entender melhor esse conceito e suas aplicações, confira o quadro seguinte, com mais informações e exemplos.

Professor, segundo a linguista Roxane Rojo, “[...] um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramento)” (Rojo, 2009, p. 107). Nesse sentido, acreditamos que você já tenha percebido que, nesta seção, estamos tratando dos chamados gêneros multimodais e multissemióticos. As práticas de linguagem contemporâneas fizeram surgir novos gêneros do discurso que envolvem diferentes recursos semióticos, ou seja, distintos sistemas de signos além da linguagem verbal.

Estamos nos referindo, por exemplo, a gêneros como tirinhas, memes, programas de rádio, *podcasts*, entre outros, que envolvem novos procedimentos de leitura. Esses gêneros combinam linguagem verbal e não verbal para a construção de sentido e fazem uso de novas tecnologias e ferramentas, exigindo o ensino de novos letramentos. Assim, os textos se configuram por meio da multissemiose, ou seja, da multiplicidade de linguagens que constroem a comunicação.

Dessa forma, os gêneros multimodais são aqueles compostos por mais de uma modalidade linguística ou comunicativa. Como afirma Dionísio (2011), a multimodalidade na comunicação envolve diferentes formas e modos de expressão, como palavras, imagens, cores, formatos, marcas, traços tipográficos, disposição gráfica, gestos, entonações, olhares, entre outros. Portanto, a multimodalidade amplia as possibilidades de construção de sentido e se torna uma ferramenta poderosa nos gêneros contemporâneos, favorecendo práticas comunicativas mais complexas e integradas.



3 *Podcast* e as aulas de Língua Portuguesa

Professor(a), os gêneros discursivos que circulam nas esferas digitais têm ganhado destaque social, sendo o *podcast* um dos mais presentes na vida da população brasileira, especialmente entre o público jovem, portanto, entre estudantes da rede básica de ensino. O *podcast* é um gênero discursivo que se constitui predominantemente por arquivos de áudio, mas que pode também incluir textos e vídeos, e circula em plataformas digitais como *Spotify*, *YouTube* e *Deezer*. Oliveira e Abrantes (2021) comparam o *podcast* a uma assinatura de revista *on-line*, em que os ouvintes podem inscrever-se e receber notificações de novos episódios, estabelecendo uma prática social que gera pertencimento e identificação. Lottermann (2022), com base em Uchôa (2010), explica que o termo *podcast* resulta da junção de *iPod* e *broadcasting*. Nesse sentido, o *podcast* se insere em um contexto multissemiótico, moldando-se às necessidades comunicativas do seu público-alvo e do campo de conhecimento ao qual está vinculado.

Em decorrência disso, os gêneros, como aponta o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2011), são relativamente estáveis, adaptando-se às necessidades atuais dos usuários da língua, como ocorre com o gênero *podcast*, à medida que a esfera humana se torna mais complexa. Ao afirmar que os gêneros são relativamente estáveis, Bakhtin se refere à historicidade e à imprecisão dos gêneros. Nesse sentido, a historicidade refere-se ao fato de “[...] os tipos não serem definidos de uma vez para sempre” (Faraco, 2009, p. 127). Como mencionado anteriormente, os gêneros ganham sua complexidade e passam por transformações com o objetivo de reconhecer o novo e as mudanças da atividade humana, cumprindo, assim, funções sociocognitivas indispensáveis. Por isso, eles são ferramentas essenciais para o desenvolvimento da atividade humana nas esferas sociais, visto que é por meio deles que nos orientamos e entendemos as ações do outro.

Diante disso, é possível (e necessário) pensar no *podcast* como uma ferramenta potente para o ensino de Língua Portuguesa. Afinal, como nos lembra Bakhtin (2011, p. 283), “[...] a diversidade dos gêneros do discurso é muito grande” e se define pelas situações comunicativas e pelas relações sociais envolvidas. O *podcast*, por sua natureza dialógica e contextualizada, oferece a nós, professores, oportunidades de promovermos práticas de linguagem significativas, que refletem o uso real da língua. Antunes (2003) destaca que a língua só se atualiza em situações de atuação social, e Cerutti-Rizzatti (2012) reforça que os usos da linguagem atendem a propósitos sociais específicos. Assim, ao incluir o *podcast* nas aulas de Língua Portuguesa, você, professor, pode criar um espaço de escuta ativa, produção textual, interação verbal e acolhimento, sobretudo em contextos multiculturais. Como afirma Candau (2014), promover uma educação intercultural é “[...] afirmar a diferença como riqueza”, e o *podcast* pode ser justamente essa ponte entre o ensino da língua e a valorização da pluralidade de vozes em sala de aula.

4 Educação intercultural e as aulas de Língua Portuguesa

Você já parou para pensar em como sua prática docente pode contribuir para a valorização das diferenças culturais dentro da escola? Professor, quando falamos em educação intercultural, estamos nos referindo a uma proposta que vai além da simples convivência entre culturas. Segundo Candau (2014, p. 1), ela “[...] parte da afirmação da diferença como riqueza” e promove o diálogo sistemático entre sujeitos, saberes e práticas. Ou seja, é uma educação que se compromete com a justiça social, cultural, econômica e cognitiva, e que busca construir relações igualitárias entre grupos socioculturais. No entanto, ainda enfrentamos um grande desafio: a ideia de que a diferença é um problema a ser resolvido. Isso é especialmente perceptível quando falamos de estudantes imigrantes, que muitas vezes não são incluídos nas práticas pedagógicas justamente porque, como aponta Candau (2016, p. 864), “as culturas escolares parecem estar fortemente engessadas”. Por isso,

é urgente repensar a escola como um espaço que acolha e valorize esse “[...] arco-íris de culturas”, como nos lembra Boaventura de Sousa Santos (1993), e que seja capaz de romper com formatos naturalizados e pouco inclusivos.

E como tudo isso se relaciona com o ensino de LP? Sabemos que, muitas vezes, nós, professores, enfrentamos dificuldades para integrar práticas interculturais de forma significativa. Candau (2016) traz relatos de docentes que se sentem perdidos ou limitados ao tentar planejar atividades que promovam a interculturalidade sem cair em superficialidades. E você, professor, já sentiu isso também? Compreendemos que o contexto escolar nem sempre favorece esse tipo de abordagem. As políticas públicas, a sobrecarga de trabalho e a pressão por resultados muitas vezes impedem um olhar mais sensível e plural. Por isso, nossa proposta neste material didático-pedagógico é pensar possibilidades concretas: e se usássemos o gênero *podcast* como ferramenta para dar voz aos estudantes imigrantes e promover trocas significativas entre eles e os alunos brasileiros? Acreditamos que, por ser um gênero oral que envolve o uso de ferramentas digitais, o *podcast* pode abrir espaço para que diferentes vivências apareçam, estimulando relações dialógicas e colaborativas. Assim, professor, queremos caminhar junto com você na construção de uma prática que não silencie as experiências culturais dos estudantes, mas que, ao contrário, as valorize como parte essencial do processo de ensino e aprendizagem de línguas.

5 Para conhecer melhor o gênero: diferenças composicionais do *podcast*⁴

Ouçá os dois episódios de *podcast* indicados e observe como seus elementos contextuais e suas organizações composicionais diferem em suas construções. Ambos os *podcasts* analisados estão disponíveis no *YouTube* em formato de áudio e vídeo. O primeiro episódio também

4 Lottermann desenvolveu sua proposta com base em uma adaptação do modelo de Trabalho Docente de Gasparin (2007).

pode ser acessado no *Spotify* com áudio e vídeo, enquanto o segundo está disponível apenas em formato de áudio na mesma plataforma.

No primeiro, *Letrando Podcast*, produzido pela plataforma de leitura *Elefante Letrado* (2024) e pertencente à temporada *Escolas* (doravante denominado *Podcast 1*), o que predomina são os recursos audiovisuais. Nesse episódio, há uma apresentadora que medeia a conversa com uma convidada especialista no tema em pauta: *Cultura digital*, com duração de 30 minutos.

Embora o *Letrando Podcast* seja normalmente gravado em estúdio próprio, o episódio analisado foi gravado em uma feira de educação, em um estúdio temporariamente montado no local. Isso demonstra que o gênero *podcast* não está restrito a um único espaço, podendo ocorrer em diferentes contextos e ambientes. É possível perceber que a apresentadora utiliza um roteiro, texto que organiza os principais pontos do episódio, como temas, tópicos, perguntas e transições, para conduzir a conversa. No entanto, ao longo do diálogo, surgem perguntas adicionais, relatos de experiências, opiniões e trocas de saberes, o que enriquece o conteúdo.

Podcast 1: Letrando Podcast: Cultura digital

O segundo episódio analisado é o *Podcast Brasil Educação* (Revista Educação, 2023), disponível na plataforma *Spotify*, com duração de 44 minutos (doravante denominado *Podcast 2*). Esse episódio foi gravado e transmitido ao vivo pelo canal da *Revista Educação* no *YouTube*, com o tema *Letramento digital: uso crítico dos meios digitais*.

A estrutura composicional do *Podcast 2* organiza-se da seguinte forma: há uma mediadora e dois convidados que participam de um bate-papo, ou “roda de conversa”, como define a própria mediadora. A conversa é dividida em dez eixos temáticos que norteiam o episódio: introdução; iniciativas presentes nas escolas brasileiras; educação midiática no Brasil; uso da tecnologia na escola; inteligência artificial e pensamento crítico; tecnologia na escola; relação entre famílias e professores; desafios; acesso precário aos recursos; encerramento.

Por ser um *podcast* transmitido ao vivo e sem edições, nota-se que sua composição e estilo diferem consideravelmente do *Podcast 1*. Nesse caso, os discursos não passam por processos de edição ou corte: são produzidos e disponibilizados simultaneamente ao público-alvo durante a transmissão ou, posteriormente, por meio da gravação disponível nas plataformas.

Além disso, diferentemente do *Podcast 1*, a mediação não se baseia em perguntas previamente roteirizadas. A condução do diálogo se desenvolve de maneira mais espontânea, guiada por necessidades e temas que emergem ao longo da conversa. Ainda assim, é perceptível que há um planejamento prévio que garante a coesão do episódio, com início, desenvolvimento e encerramento bem definidos.

Esse formato de *podcast* assemelha-se a uma conferência ou palestra *on-line*, na qual convidados abordam temas específicos. No entanto, neste caso, não há o uso de *slides* ou outros recursos visuais. Ao final da transmissão, há um momento destinado à participação dos ouvintes, que podem enviar perguntas em tempo real, o que enriquece o debate com novas perspectivas.

Podcast 2: Letramento digital: uso crítico dos meios digitais

Diante de tal análise, observa-se que os gêneros *podcast* e roteiro apresentam relativa estabilidade, pois se adaptam às necessidades comunicativas humanas dentro das diversas esferas sociais nas quais o discurso acontece. A composição do *Podcast 1*, mais estruturada e roteirizada, contrasta com o formato mais espontâneo e dinâmico do *Podcast 2*, demonstrando como um mesmo gênero pode variar conforme o contexto de produção e circulação.

Professor(a), para ampliar sua compreensão sobre o gênero discursivo *podcast*, elaboramos dois quadros sinóticos (Apêndice 1), com base em Costa-Hübes (2017): Quadro 1 – Proposta de análise da dimensão social (contextual) do *podcast*; e Quadro 2 – Proposta de análise da dimensão verbal (linguístico-semiótica) do *podcast*. O primeiro quadro apresenta as seguintes categorias: (i) horizonte cronotrópico do

enunciado: campo da atividade humana a que pertence, momento histórico de produção, veículo e suporte de circulação; (ii) horizonte temático do enunciado: conteúdo temático e intencionalidade da produção; (iii) horizonte axiológico do enunciado: autoria, intencionalidade e papéis sociais dos interactantes. O quadro 2 apresenta as dimensões: (i) tema do enunciado; (ii) construção composicional; (iii) estilo.

Considerando o objetivo deste material didático-pedagógico, sugere-se a gravação de um *podcast* bilíngue, parte em português e parte em espanhol, com o propósito de dar voz a estudantes que frequentemente têm suas experiências silenciadas. É possível estabelecer uma parceria interdisciplinar com o componente curricular de Língua Espanhola. Para contribuir com a elaboração do roteiro, serão disponibilizados exemplos de falas em ambas as línguas.

Nesta seção, a análise contrastiva entre dois episódios de *podcast* está direcionada à dimensão verbal do gênero, e não à dimensão social, pois o foco aqui é exemplificar, principalmente, os aspectos linguísticos e discursivos. No entanto, é igualmente importante que você oriente o aluno a refletir sobre a dimensão social do gênero. Para isso, recomenda-se a consulta ao Quadro 1: Proposta de análise da dimensão social (contextual) do *podcast* (Apêndice 1).

6 Proposta didática

A legislação brasileira assegura que estudantes imigrantes tenham os mesmos direitos de acesso à educação que estudantes brasileiros, conforme estabelecem a Constituição Federal (Brasil, 1998), artigos 5º e 6º, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), artigos 53 ao 55, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), artigos 2º e 3º. Historicamente, o Brasil sempre foi um país acolhedor, recebendo imigrantes de diversas nacionalidades. No entanto, conforme aponta o Instituto Unibanco (2024), o número de imigrantes aumentou ao longo dos anos devido a fenômenos socioeconômicos como fome, doenças, guerras, mudanças climáticas e desastres naturais. Esse cenário evidencia a urgência de políticas linguísticas e de acolhimento que atendam às necessidades desses estudantes, especialmente aqueles que não têm o português como língua materna, visando sua integração na educação básica.

Diante desse contexto, em seguida, propomos uma proposta didática com a temática *Entre memórias e vozes: um podcast para valorizar experiências e culturas*. Este material está organizado em cinco etapas: (i) Apresentação da proposta didática e início das orientações para o trabalho com o *podcast*; (ii) Trabalho com o gênero memórias literárias; (iii) Introdução ao gênero *podcast*; (iv) Roteiro do *podcast*; (v) Gravação do *podcast*. Cada etapa está dividida em seis seções: objetivo geral do material; objetivos específicos da etapa; conteúdos programáticos; metodologia; descrição das ações procedimentais e recursos necessários. Essa organização é baseada, em parte, em um plano de trabalho docente, elaborado por Gabriel Fischer Lottermann (2022)⁵, em

5 *Podcast* é um conteúdo audiovisual ou somente em áudio distribuído em plataformas digitais, geralmente em formato de episódios que podem ser ouvidos sob demanda, focando principalmente na experiência auditiva. Já o *videocast* é um tipo específico de *podcast* que inclui conteúdo em vídeo, combinando elementos visuais e sonoros para proporcionar uma experiência multimídia ao espectador.

sua dissertação intitulada *O gênero discursivo digital podcast aplicado à educação: pressupostos teóricos e práticos*.

As cinco etapas suprarreferidas têm como objetivo principal compreender os elementos constitutivos do gênero *podcast*, reconhecendo a importância de outros gêneros, como as memórias literárias e o roteiro, em sua construção. Além disso, busca-se promover diferentes práticas de linguagem, leitura e escuta, produção de textos, oralidade, análise linguística e semiótica, a partir dos gêneros trabalhados, valorizando as relações interculturais baseadas no respeito, na escuta sensível e na convivência no ambiente escolar entre estudantes imigrantes e brasileiros. Para tanto, alinhados à perspectiva intercultural, propomos a gravação de um *podcast* bilíngue⁶, com trechos em português e espanhol, com o objetivo de dar voz a estudantes que frequentemente têm suas experiências silenciadas.

Por fim, ressaltamos que este material é destinado ao Ensino Médio e não possui uma quantidade fixa de aulas para a realização de cada etapa. Considerando as diferentes realidades escolares, optamos por deixar essa definição em aberto, permitindo que o material seja adaptado aos múltiplos contextos de sala de aula.

6 Neste material, a natureza bilíngue do *podcast* remete ao processo dinâmico de alternância entre português e espanhol, no qual as línguas se intercalam para expressar identidades e experiências diversas.

1ª Etapa – Apresentação da proposta didática e início das orientações para o trabalho com o *podcast*

Objetivo geral da proposta

Compreender os elementos constitutivos do gênero *podcast*, reconhecendo a importância de outros gêneros, como as memórias literárias e o roteiro, em sua construção. Além disso, busca-se promover diferentes práticas de linguagem, leitura e escuta, produção de textos, oralidade, análise linguística e semiótica, a partir dos gêneros trabalhados, valorizando as relações interculturais baseadas no respeito, na escuta sensível e na convivência no ambiente escolar entre estudantes imigrantes e brasileiros.

Objetivos específicos desta etapa

- Compreender a proposta didática apresentada;
 - Identificar os conteúdos, habilidades e etapas do desenvolvimento do projeto.
-

Conteúdos programáticos

- Apresentação da proposta didática;
 - Breve apresentação do gênero *podcast* e dos gêneros de apoio (memórias literárias e roteiro);
 - Critérios de avaliação.
-

Metodologia

Aula teórico-prática, com exposição dialogada dos objetivos e fundamentos do projeto. Utilização de recursos visuais para apoiar a compreensão da proposta.



1ª Etapa – Apresentação da proposta didática e início das orientações para o trabalho com o *podcast*

Descrição das ações procedimentais

Professor, nesta etapa inicial, você deverá apresentar aos estudantes a proposta didática, que poderá ser disponibilizado em forma de apresentação (*slide*) ou material impresso. Esse plano deve conter:

- os conteúdos a serem abordados;
- as habilidades que se pretende desenvolver;
- as fases do desenvolvimento do projeto;
- os gêneros que serão trabalhados;
- os critérios de avaliação.

Além disso, é importante apresentar brevemente os gêneros discursivos que serão abordados ao longo do projeto, com ênfase principal ao *podcast*, que constitui o foco central da proposta. No entanto, é necessário destacar que, para compreender e produzir um *podcast* de forma significativa, será preciso transitar por outros gêneros fundamentais, como as memórias literárias e o roteiro. Cada um desses gêneros será aprofundado nas próximas etapas, permitindo que os estudantes se familiarizem gradualmente com suas características, funções e formas de expressão.

Durante essa apresentação, é fundamental explicar o objetivo geral da proposta, destacando a importância do *podcast* como um gênero integrador de diversas práticas de linguagem. É interessante também ressaltar como a proposta contribui para a valorização das relações interculturais, especialmente no contexto de acolhimento das diferenças no ambiente escolar. Deve-se deixar claro que, ao longo das próximas etapas, novos objetivos específicos serão mobilizados, de acordo com as atividades propostas.

Converse com os estudantes sobre os critérios de avaliação, destacando que ela será realizada de forma processual, levando em consideração o engajamento, a participação e o desenvolvimento individual ao longo de cada fase do projeto. Explique que a avaliação não se limitará ao produto final, mas abrangerá todo o percurso de aprendizagem, valorizando o esforço, a colaboração e a progressiva apropriação dos conteúdos e gêneros trabalhados.

Além disso, informe que serão avaliadas três produções principais ao longo do projeto: (i) texto de memórias literárias, (ii) roteiro de *podcast*, (iii) gravação e edição do *podcast*. Cada uma dessas produções será analisada de acordo com critérios previamente combinados com a turma, como clareza, coesão, criatividade, uso adequado da linguagem e respeito às características do gênero em questão. Essa abordagem contribui para tornar o processo avaliativo mais transparente, formativo e significativo para os estudantes.

Recursos necessários

- Projetor multimídia ou televisão com entrada HDMI;
 - Computador ou *notebook*;
 - *Slides* de apresentação da proposta didática;
 - Material impresso (opcional);
 - Quadro e marcadores para anotações durante a exposição.
-

2ª Etapa – Trabalho com o gênero memórias literárias

Objetivo geral da proposta

Compreender os elementos constitutivos do gênero *podcast*, reconhecendo a importância de outros gêneros, como as memórias literárias e o roteiro, em sua construção. Além disso, busca-se promover diferentes práticas de linguagem, leitura e escuta, produção de textos, oralidade, análise linguística e semiótica, a partir dos gêneros trabalhados, valorizando as relações interculturais baseadas no respeito, na escuta sensível e na convivência no ambiente escolar entre estudantes imigrantes e brasileiros.

Objetivos específicos desta etapa

- Reviver e compartilhar histórias orais do passado, como lendas e cantigas contadas pela família;
 - Compreender a estrutura e as características do gênero memória literária por meio da leitura e análise do gênero;
 - Identificar e aplicar locuções e orações adverbiais nos textos de memória literária, reconhecendo sua função na construção do sentido;
 - Produzir um texto de memória literária com base em vivências familiares e culturais, respeitando as características do gênero.
-

Conteúdos programáticos

- Leitura de texto do gênero memórias literárias;
 - Análise da estrutura do gênero memórias literárias;
 - Uso de recursos expressivos: locuções e orações adverbiais em textos de memórias literárias.
-

Metodologia

- Aula expositiva-teórica inicial (apresentação do gênero e contextualização histórica de produção do texto);
 - Leitura compartilhada do texto;
 - Análise da estrutura do gênero e análise linguística;
 - Atividades reflexivas sobre o uso da língua em textos de memórias literárias;
 - Encerramento e reflexão.
-



2ª Etapa – Trabalho com o gênero memórias literárias

Descrição das ações procedimentais

Ativação de conhecimentos prévios

Professor(a), nesta etapa, inicie a aula com uma breve exposição oral que ajude os estudantes a refletirem sobre o tempo e suas memórias pessoais. Para isso, proponha perguntas que estimulem a recordação de momentos significativos do passado. Acesse o [link](#) do livro didático [Português: Conexão e Uso](#) (Delmanto; Carvalho, 2018), consulte as perguntas da página 55 e selecione aquelas que considerar mais adequadas para a sua turma.

Introdução do texto de memórias literárias

Apresente à turma o texto *Città di Roma* (2012), de Zélia Gattai. Explique que a autora, filha de imigrantes italianos, compartilha, por meio da escrita memorialista, as histórias e lembranças de sua família, que emigrou da Itália para o Brasil em 1890.

Etapas da leitura

Pré-leitura: Elabore perguntas que ajudem os estudantes a acessarem suas memórias de infância, incentivando-os a refletir sobre como essas lembranças podem ser registradas e preservadas. Em seguida, realize uma breve contextualização histórica do texto, destacando a trajetória de Zélia Gattai e como sua produção literária está fortemente ligada às memórias pessoais e familiares. Acesse o [link](#) do livro didático [Português: Conexão e Uso](#) (Delmanto; Carvalho, 2018), consulte as perguntas da página 56 e selecione aquelas que considerar mais adequadas para a sua turma. Além disso, aproveite este momento para introduzir o tema das migrações para o Brasil, reforçando que movimentos migratórios sempre fizeram parte da nossa história.

Leitura: Selecione trechos da obra *Città di Roma* (Gattai, 2012) para realizar uma leitura compartilhada com os estudantes. Recomendamos as duas primeiras partes: (i) Tia Hiena e (ii) Nonno Gattai. Durante a leitura, oriente os alunos a observar o uso de verbos no passado, recurso recorrente nos textos de memórias.

Pós-leitura: Proponha questões que relacionem o conteúdo do texto com a vivência dos estudantes, buscando identificar se conseguiram estabelecer vínculos entre a narrativa e suas próprias experiências. Em seguida, realize a atividade *Explorando o texto*, páginas 58 e 59, presente no livro didático [Português: Conexão e Uso](#) (Delmanto; Carvalho, 2018), *unidade 2 – Capturando o tempo*, que trata dos seguintes aspectos: conceito e características do gênero memórias literárias; análise de fragmentos e da ordem cronológica dos fatos; registro e narração de memórias; importância dos sujeitos envolvidos; tipos de narrador e vozes presentes no texto; uso de sentimentos, emoções e adjetivação na caracterização das personagens.

Na seção *Recursos expressivos*, páginas 60 e 61, o livro propõe atividades voltadas para a análise linguística, incluindo: tempo verbal no passado; palavras e expressões que indicam temporalidade; uso de diálogos em textos de memórias; coesão textual para a construção de sentidos.

Sugerimos que você analise esses exercícios de pós-leitura e os realize com sua turma, com o objetivo de aprofundar a compreensão do texto e ampliar o repertório linguístico dos estudantes para a produção textual que será desenvolvida na sequência.



2ª Etapa – Trabalho com o gênero memórias literárias

Produção textual: memórias literárias

Neste momento da aula, apresente aos estudantes um quadro com orientações sobre os principais elementos de um texto de memórias literárias, abordando os seguintes aspectos: intenção comunicativa, organização estrutural e linguagem utilizada. Explique e discuta com a turma o significado e a função de cada um desses elementos, destacando suas características. O quadro está disponível na página 61 do livro didático [Português: Conexão e Uso](#) (Delmanto; Carvalho, 2018).

Antes de propor a produção individual, crie junto com os estudantes um cenário fictício que sirva de base para a construção de uma memória literária coletiva. A partir desse cenário, redija no quadro, com a participação da turma, um exemplo de texto de memórias literárias. Durante essa produção coletiva, destaque os elementos essenciais do gênero, chamando atenção para o uso de verbos no passado, a presença de sentimentos e lembranças pessoais, a ordem cronológica dos acontecimentos e a caracterização das personagens e ambientes. Além disso, chame a atenção para a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

Essa prática servirá como modelo para orientar a escrita individual dos estudantes, proporcionando segurança e compreensão sobre a estrutura e os recursos linguísticos que devem estar presentes em seu próprio texto.

Após a escrita, realize a correção dos textos e oriente os estudantes a fazerem os ajustes necessários para a produção de uma segunda versão. A seguir, apresentamos uma proposta de produção textual que pode ser utilizada e facilmente adaptada a diferentes contextos e necessidades.

Na proposta de produção textual, esclareça aos estudantes que deverão escrever memórias literárias relacionadas a poemas, cantigas, lendas e/ou histórias que ouvirem na infância. Nesta etapa, os estudantes imigrantes terão a oportunidade de escrever memórias literárias vivenciadas em seus países de origem, resgatando, por exemplo, histórias contadas por seus avós. A proposta cria um espaço de troca de saberes culturais, promovendo o diálogo e o respeito entre diferentes culturas.



2ª Etapa – Trabalho com o gênero memórias literárias

Proposta de produção textual

Escreva um texto do gênero memórias literárias, com no máximo 40 linhas. Antes de começar a escrever, pense na organização do seu texto, considerando a estrutura desse gênero. Lembre-se de que as memórias literárias são narrativas marcadas por lembranças pessoais literárias, como poemas, cantigas, lendas e/ou histórias, contadas com sensibilidade e atenção aos detalhes.

Introdução

Na introdução, você deve situar o leitor no tempo e no espaço. Apresente quando e onde os fatos ocorreram, qual o contexto histórico ou social da época e o papel do narrador na história (geralmente o próprio autor relembando o passado). Crie uma atmosfera envolvente, descrevendo o cenário inicial e despertando o interesse do leitor.

Desenvolvimento

No desenvolvimento, conte a sua memória literária em detalhes. Narre os principais acontecimentos que marcaram aquele momento da sua vida, seguindo uma sequência cronológica.

Utilize descrições ricas para que o leitor consiga imaginar os lugares, as pessoas envolvidas e as emoções vividas. Você pode incluir digressões (pausas para refletir) e *flashbacks* (retornos a momentos anteriores), mostrando como o passado ainda ecoa no presente.

Pense também nos espaços: o espaço físico (por exemplo, uma casa, uma cidade, o campo), o espaço psicológico (como você se sentia) e o espaço social (quem mais estava presente). Apresente os personagens importantes da memória, destacando como eles influenciaram ou participaram dos fatos.

Conclusão

Na conclusão, você deve refletir sobre o significado daquela memória. Mostre o impacto que ela teve em sua vida, o que você aprendeu com ela ou como ela ajudou a construir a sua identidade. Aproveite para expressar os sentimentos que essa lembrança ainda provoca em você, como saudade, alegria, tristeza ou gratidão.

Recursos necessários

- Projetor multimídia ou televisão com entrada HDMI;
 - Computador ou *notebook*;
 - *Slides* de apresentação dos textos e conteúdos trabalhados;
 - Material impresso;
 - Quadro e marcadores para anotações durante a exposição.
-

3ª Etapa – Introdução ao gênero *podcast*

Objetivo geral da proposta

Compreender os elementos constitutivos do gênero *podcast*, reconhecendo a importância de outros gêneros, como as memórias literárias e o roteiro, em sua construção. Além disso, busca-se promover diferentes práticas de linguagem, leitura e escuta, produção de textos, oralidade, análise linguística e semiótica, a partir dos gêneros trabalhados, valorizando as relações interculturais baseadas no respeito, na escuta sensível e na convivência no ambiente escolar entre estudantes imigrantes e brasileiros.

Objetivos específicos desta etapa

- Compartilhar experiências vivenciadas com o *podcast*;
 - Compreender as características do gênero;
 - Ouvir e reconhecer as diferenças da construção de *podcast*.
-

Conteúdos programáticos

- Ativação de conhecimentos prévios;
 - Estudo do gênero *podcast*.
-

Metodologia

- Roda de conversa;
 - Aula expositiva/teórica;
 - Análise do gênero *podcast*.
-



3ª Etapa – Introdução ao gênero *podcast*

Descrição das ações procedimentais

Introdução

Inicialmente, é importante destacar que o objetivo deste trabalho não é levar o estudante a dominar completamente o gênero *podcast*, mas proporcionar o desenvolvimento e o aprimoramento de suas práticas de linguagem. Portanto, nesta etapa, é fundamental contextualizar a presença do *podcast* na contemporaneidade, com base nos aspectos que seguem.

Contextualização

Atualmente, o *podcast* se popularizou nas maiores plataformas de *streaming*, como *Spotify*, *Youtube*, *Google Podcasts* e *Deezer*. O *podcast* é constituído a partir de textos escritos, vídeos ou áudios, sendo predominantemente composto por arquivos de áudios. Oliveira e Abrantes (2021) comparam o *podcast* a uma assinatura de revista *on-line*, em que os ouvintes podem inscrever-se e receber notificações de novos episódios. Assim, ao se fidelizar a um determinado *podcast*, o leitor ou ouvinte estabelece uma prática social que, entre outros aspectos, reúne uma comunidade de seguidores em torno do programa.

Escuta de exemplares de *podcasts*

Antes de apresentar aos estudantes os elementos constitutivos e orgânicos do gênero, recomenda-se a escuta de exemplares para posterior discussão e análise. Sugere-se o uso dos seguintes episódios:

- [Cidadã de Segunda Classe](#), obra de Buchi Emecheta, apresentado no *podcast Põe na Estante* (2022);
- [Esses alunos são nota zero na vida fora da escola](#), do canal *AchismosTV* (2024).

Horizonte temático e objetivos do gênero *podcast* (contexto de produção)

Após a escuta dos episódios com os estudantes, discuta como o horizonte temático do *podcast* é abrangente e se adapta às mais diversas áreas do conhecimento e interesses sociais, com base no que segue.



3ª Etapa – Introdução ao gênero *podcast*

O *podcast*, como gênero do discurso, não apenas adapta-se ao contexto digital, mas também se molda às necessidades e especificidades do seu público-alvo, assim como às particularidades do campo de conhecimento abordado por cada programa. O *podcast* reforça seu propósito comunicativo ao vincular-se a um público específico, destacando uma importância como prática social que dialoga com o meio digital e com as demandas contemporâneas.

No primeiro *podcast*, a temática principal gira em torno da literatura, mais especificamente da literatura africana. O episódio é voltado para um público interessado neste campo do saber, e é conduzido por Gabriela Mayer, jornalista responsável pelo *podcast Põe na Estante* (2023), que se propõe a ser um espaço de debate literário. Já o segundo *podcast* trata de uma temática intercultural. Nele, os apresentadores compartilham suas vivências escolares em diferentes países – Brasil, Angola e França –, a partir de uma perspectiva descontraída e reflexiva. O público do *AchismosTV* (2024) é mais amplo e diversificado, sendo composto por pessoas que se identificam com o conteúdo bem-humorado, crítico e informal do canal. Apesar das diferenças nos objetivos e no estilo de cada programa, ambos os *podcasts* compartilham a capacidade de atrair o público-alvo por meio do uso de diferentes linguagens e estratégias discursivas.

Quanto à natureza dialógica (dimensão verbal) dos *podcasts* analisados

Natureza dialógica do tema: Nos episódios analisados, observa-se uma abordagem fluida e espontânea dos temas. No *Põe na Estante* (2023), há uma estrutura organizada com introdução, desenvolvimento e conclusão bem delimitados, seguindo uma lógica argumentativa que favorece a reflexão sobre a obra literária. Já o *AchismosTV* (2024) apresenta uma estrutura mais livre e descontraída, com digressões, humor e comentários informais que enriquecem o debate com vivências pessoais e observações culturais.

Construção composicional: Ambos os *podcasts* apresentam uma composição centrada na oralidade planejada, ainda que adotem estilos distintos. O primeiro segue um formato mais expositivo e analítico, com linguagem clara e vocabulário específico da área literária. É constituído por arquivos de áudio gravados, editados e disponibilizados na plataforma *Spotify*. Já o segundo aposta em um formato de bate-papo, com tom informal, frases curtas, interrupções e sobreposição de falas, características típicas de gêneros orais espontâneos. Além de ser composto por arquivos de áudio disponíveis no *Spotify*, esse *podcast* também é gravado em vídeo e publicado no *YouTube*.

Estilo: O estilo do *Põe na Estante* (2023) é marcado por um tom sério e reflexivo, com uso de referências e vocabulário técnico, evidenciando a intenção de informar e formar opinião crítica sobre a literatura. Já o *AchismosTV* (2024) se destaca pelo estilo humorístico e opinativo, utilizando expressões populares, ironia e linguagem acessível como forma de aproximar o conteúdo do público.

Ao final da análise, reflita com os estudantes sobre como um mesmo gênero pode ser constituído de diferentes formas, com distintas temáticas, composições e estilos, adaptando-se a diferentes públicos, contextos e interesses.



3ª Etapa – Introdução ao gênero *podcast*

Recursos necessários

- Projetor multimídia ou televisão com entrada HDMI;
 - Computador ou *notebook*;
 - *Slides* de apresentação dos textos e análise;
 - Material impresso;
 - Quadro e marcadores para anotações durante a exposição.
-

4ª Etapa – Roteiro do *podcast*

Objetivo geral da proposta

Compreender os elementos constitutivos do gênero *podcast*, reconhecendo a importância de outros gêneros, como as memórias literárias e o roteiro, em sua construção. Além disso, busca-se promover diferentes práticas de linguagem, leitura e escuta, produção de textos, oralidade, análise linguística e semiótica, a partir dos gêneros trabalhados, valorizando as relações interculturais baseadas no respeito, na escuta sensível e na convivência no ambiente escolar entre estudantes imigrantes e brasileiros.

Objetivos específicos desta etapa

- Compreender as características do gênero roteiro e sua funcionalidade na produção de um episódio;
 - Elaborar um roteiro para a gravação de um *podcast* bilíngue.
-

Conteúdos programáticos

- Leitura e discussão do gênero roteiro de *podcast*;
 - Instrumentalização e exemplificação para a construção de um roteiro de *podcast*.
-

Metodologia

- Aula expositiva/teórica;
 - Fins explicativos.
-



4ª Etapa – Roteiro do *podcast*

Descrição das ações procedimentais

Nesta etapa, vamos aprender a elaborar um roteiro de *podcast* com base no tema central deste material didático: *Entre memórias e vozes: um podcast para valorizar experiências e culturas*. Para isso, organize sua aula da seguinte maneira:

Como fazer um roteiro de *podcast*?

Gravar uma conversa aleatória não é suficiente para atrair ouvintes. É necessário planejar, organizar e desenvolver um conteúdo relevante, com propósito definido e que corresponda ao que o público espera. Para alcançar esse objetivo, é essencial dominar a elaboração de um bom roteiro de *podcast*.

O que é um roteiro de *podcast*?

O roteiro de *podcast* funciona como um guia para a gravação do episódio, estabelecendo elementos essenciais como os temas abordados, os tópicos principais, as perguntas a serem feitas, as falas de apresentação, as transições entre blocos e as chamadas para ação, entre outros componentes do conteúdo em áudio. Ele é fundamental para estruturar as ideias, manter a direção da conversa, evitar repetições e assegurar uma narrativa coerente, com início, desenvolvimento e encerramento.

Defina os objetivos do seu *podcast*

Antes de elaborar um roteiro de *podcast*, é essencial definir o formato do programa. *Podcasts* podem assumir diferentes estilos, como entrevistas, debates, narrativas (*storytelling*), mesas redondas, monólogos, noticiários, entre outros. Para a proposta em questão, sugerimos o formato de mesa redonda, no qual todos os participantes compartilharão seus textos de memórias literárias. Um mediador será responsável por conduzir a conversa, promovendo a troca de ideias e a interação entre os envolvidos.

Pesquise sobre o tema do seu *podcast*

Após definir o formato do *podcast*, o próximo passo fundamental é realizar uma pesquisa aprofundada sobre o tema do episódio. Estudar o assunto garante que você fale com segurança e credibilidade, além de possibilitar a inclusão de dados, fatos, exemplos e referências que tornem o conteúdo mais interessante e informativo para o público. Nesse contexto, é indispensável que, antes da gravação, todos os estudantes envolvidos leiam e se familiarizem com os textos de memórias literárias de seus colegas. Isso permitirá uma participação mais rica, respeitosa e conectada durante a discussão.

Escreva a estrutura do seu roteiro

Agora é hora de organizar os principais tópicos e etapas do seu episódio definindo a estrutura do *podcast*. A estrutura funciona como um roteiro-base que orienta a gravação, ajuda a manter o foco e assegura que nenhum conteúdo importante seja esquecido. Ela pode ser dividida em três partes essenciais, a seguir elencadas.

a) Introdução: Apresente o tema do episódio, o objetivo da conversa e o que os ouvintes podem esperar. Aproveite esse momento para incluir uma chamada para ação, como convidar o público a seguir o canal, compartilhar o episódio ou interagir nas redes sociais.

b) Desenvolvimento: Aprofunde o tema proposto, organizando o conteúdo em blocos temáticos, com tópicos bem definidos. Essa parte é o núcleo do episódio, em que os participantes podem compartilhar reflexões, experiências e exemplos.

c) Conclusão: Recapitule os principais pontos discutidos e reforce a mensagem central. Finalize com uma nova chamada para ação, incentivando o engajamento dos ouvintes com o conteúdo e com o canal.

[Fonte: elaborado pelo autor com base em Agência WEBi (2023)].



4ª Etapa – Roteiro do *podcast*

Roteiro:

Considerando o objetivo deste material didático-pedagógico, sugere-se a gravação de um *podcast* bilíngue, parte em português e parte em espanhol, com o propósito de dar voz a estudantes que frequentemente têm suas experiências silenciadas. É possível estabelecer uma parceria interdisciplinar com o componente curricular de Língua Espanhola. Para contribuir com a elaboração do roteiro, serão disponibilizados exemplos de falas em ambas as línguas.

Nesta seção, a análise contrastiva entre dois episódios de *podcast* está direcionada à dimensão verbal do gênero, e não à dimensão social, pois o foco aqui é exemplificar, principalmente, os aspectos linguísticos e discursivos. No entanto, é igualmente importante que você oriente o aluno a refletir sobre a dimensão social do gênero. Para isso, recomenda-se a consulta ao Quadro 1: Proposta de análise da dimensão social (contextual) do *podcast* (Apêndice 1).

Abertura: Crie e grave uma abertura para o *podcast* utilizando efeitos sonoros. Mencione o nome do *podcast* e o tema do episódio.

Introdução: Construa a ambientação do seu episódio. Apresente elementos que ajudem a introduzir o tema central, mencione o nome do *podcast*, explique o propósito do projeto e apresente-se ao público.

Exemplo de fala:

“Olá, bem-vindos ao [nome do *podcast*], o *podcast* que compartilha as memórias literárias dos estudantes da turma [turma] da escola [nome da escola]. Eu sou [nome do estudante mediador] e, no episódio de hoje, vamos conhecer as seguintes memórias literárias: [título dos textos a serem abordados], escritas por [nomes dos estudantes]. Cada texto será apresentado individualmente. Ao final, faremos uma conversa para compartilhar opiniões, trocar percepções e confrontar ideias”.

Ejemplo de habla:

“Hola, bienvenidos a [nombre del *pódcast*], el *pódcast* que comparte las memorias literarias de los estudiantes del grupo [grupo] de la escuela [nombre de la escuela]. Soy [nombre del estudiante mediador] y, en el episodio de hoy, vamos a conocer las siguientes memorias literarias: [título de los textos a tratar], escritas por [nombres de los estudiantes].

Cada texto será presentado de forma individual. Al final, haremos una charla para compartir opiniones, intercambiar percepciones y contrastar ideas” (tradução nossa).

4ª Etapa – Roteiro do *podcast*

Transição: Adicione um efeito sonoro de transição entre a introdução e o desenvolvimento do *podcast*.

Desenvolvimento: Aprofunde o tema proposto, organizando o conteúdo em blocos temáticos, com tópicos bem definidos.

Bloco 1: Apresentação do primeiro texto de memórias literárias

Inicie explicando que este bloco será dedicado ao primeiro texto de memórias literárias.

Exemplo de introdução:

“Neste primeiro bloco, o autor [*nome do estudante*] compartilhará com a gente um pouco sobre o seu texto de memórias literárias, intitulado [*título do texto*]”.

Ejemplo de introducción:

“En este primer bloque, el autor [*nombre del estudiante*] nos va a contar sobre su texto de memorias literarias, titulado [*título del texto*]” (tradução nossa).

Importante: o participante não deve ler o texto na íntegra, mas sim comentar sobre ele. Pode explicar por que escolheu esse tema, qual é a origem dessa memória e, se desejar, ler trechos breves para ilustrar seu relato.

Exemplo de fala:

“Olá, ouvintes! Meu texto, chamado [*título*], fala sobre lembranças da minha infância, especialmente das férias que passava na casa da minha avó, no interior... Neste trecho, por exemplo, eu conto como era acordar com o cheiro de pão caseiro...”.

Ejemplo de habla:

“¡Hola, oyentes! Mi texto, titulado [*título*], habla sobre recuerdos de mi infancia, especialmente de las vacaciones que pasaba en la casa de mi abuela, en el campo. En este fragmento, por ejemplo, cuento cómo era despertar con el olor del pan casero.” (tradução nossa).

Transição: Inclua um efeito sonoro suave para marcar a passagem entre um bloco e outro.

Bloco 2: Apresentação do segundo texto de memórias literárias

Inicie explicando que este bloco será dedicado ao segundo texto de memórias literárias.

Exemplo de introdução:

“Neste segundo bloco, o autor [*nome do estudante*] compartilhará com a gente um pouco sobre o seu texto de memórias literárias, intitulado [*título do texto*]”.

Ejemplo de introducción:

“En este segundo bloque, el autor [*nombre del estudiante*] nos va a contar sobre su texto de memorias literarias, titulado [*título del texto*]” (tradução nossa).



4ª Etapa – Roteiro do *podcast*

Importante: o participante não deve ler o texto na íntegra, mas sim comentar sobre ele. Pode explicar por que escolheu esse tema, qual é a origem dessa memória e, se desejar, ler trechos breves para ilustrar seu relato.

Exemplo de fala:

“Olá, ouvintes! Meu texto, chamado [*título*], fala sobre lembranças da minha infância, especialmente das férias que passava na casa da minha avó, no interior... Neste trecho, por exemplo, eu conto como era acordar com o cheiro de pão caseiro...”

Ejemplo de habla:

“¡Hola, oyentes! Mi texto, titulado [*título*], habla sobre recuerdos de mi infancia, especialmente de las vacaciones que pasaba en la casa de mi abuela, en el campo. En este fragmento, por ejemplo, cuento cómo era despertar con el olor del pan casero” [tradução nossa].

Transição: Inclua um efeito sonoro suave para marcar a passagem entre um bloco e outro.

Bloco 3: Apresentação do terceiro texto de memórias literárias

Inicie explicando que este bloco será dedicado ao terceiro texto de memórias literárias.

Exemplo de introdução:

“Neste terceiro bloco, o autor [*nome do estudante*] compartilhará com a gente um pouco sobre o seu texto de memórias literárias, intitulado [*título do texto*]”.

Ejemplo de introducción:

“En este tercer bloque, el autor [*nombre del estudiante*] nos va a contar sobre su texto de memorias literarias, titulado [*título del texto*]” [tradução nossa].

Importante: o participante não deve ler o texto na íntegra, mas sim comentar sobre ele. Pode explicar por que escolheu esse tema, qual é a origem dessa memória e, se desejar, ler trechos breves para ilustrar seu relato.

Exemplo de fala:

“Olá, ouvintes! Meu texto, chamado [*título*], fala sobre lembranças da minha infância, especialmente das férias que passava na casa da minha avó, no interior... Neste trecho, por exemplo, eu conto como era acordar com o cheiro de pão caseiro...”

Ejemplo de habla:

“¡Hola, oyentes! Mi texto, titulado [*título*], habla sobre recuerdos de mi infancia, especialmente de las vacaciones que pasaba en la casa de mi abuela, en el campo. En este fragmento, por ejemplo, cuento cómo era despertar con el olor del pan casero” [tradução nossa].

Transição: Inclua um efeito sonoro suave para marcar a passagem entre um bloco e outro.



4ª Etapa – Roteiro do *podcast*

Bloco 4: Discussão dos textos de memórias literárias

Neste momento do episódio, o mediador deve explicar que será realizada uma conversa entre os participantes a partir dos textos apresentados. O objetivo é refletir sobre os temas, as experiências compartilhadas e os sentimentos que emergiram durante as narrativas.

Exemplo de fala do mediador:

“Agora que já ouvimos os três textos de memórias literárias, vamos conversar um pouco sobre eles. Cada história trouxe lembranças únicas, mas também pontos em comum. Vamos explorar essas conexões juntos!”

Ejemplo de habla del mediador

“Ahora que ya escuchamos los tres textos de memorias literarias, vamos a conversar un poco sobre ellos. Cada historia trajo recuerdos únicos, pero también algunos puntos en común. ¡Vamos a explorar juntos esas conexiones!” [tradução nossa].

Perguntas norteadoras para a discussão:

- O que mais chamou a atenção de vocês nos textos apresentados?
- Vocês perceberam semelhanças entre as memórias compartilhadas?
- Qual das memórias mais despertou lembranças pessoais em vocês? Por quê?
- Como foi para vocês transformar uma lembrança em texto? Foi fácil ou difícil lembrar dos detalhes?
- O que esses textos revelam sobre as infâncias e vivências de cada um?

Preguntas orientadoras para la discusión:

- ¿Qué fue lo que más les llamó la atención de los textos presentados?
- ¿Notaron semejanzas entre las memorias compartidas?
- ¿Cuál de las memorias les hizo recordar más su propia infancia? ¿Por qué?
- ¿Cómo fue para ustedes transformar un recuerdo en un texto? ¿Les resultó fácil o difícil recordar los detalles?
- ¿Qué revelan estos textos sobre las infancias y experiencias de cada uno? [Tradução nossa].

Transição: Inclua um efeito sonoro suave para marcar a passagem entre o último bloco e o encerramento.

Conclusão: encerramento e recapitulação

Finalize o episódio retomando os principais pontos discutidos e reforçando a proposta central do projeto.

Exemplo de fala:



4ª Etapa – Roteiro do *podcast*

“No episódio de hoje, os participantes [*nombres dos estudantes*] compartilharam suas memórias literárias, produzidas no componente curricular de Língua Portuguesa, com o propósito de valorizar as relações interculturais, o respeito mútuo, a escuta sensível e a convivência no espaço escolar. Agradecemos imensamente a participação dos nossos convidados e também de você, ouvinte, que nos acompanhou até aqui. No próximo episódio, receberemos mais três estudantes com novas memórias e experiências para dividir, não perca!”

Ejemplo de habla:

“En el episodio de hoy, los participantes [*nombres de los estudiantes*] compartieron sus memorias literarias, producidas en el componente curricular de Lengua Portuguesa, con el propósito de valorar las relaciones interculturales, el respeto mutuo, la escucha sensible y la convivencia en el espacio escolar. Agradecemos profundamente la participación de nuestros invitados y también a ti, oyente, por acompañarnos hasta aquí. En el próximo episodio, recibiremos a tres estudiantes más con nuevas memorias y experiencias para compartir. ¡No te lo pierdas!” [Tradução nossa].

Inserir *jingle* de encerramento.

[Fonte: elaborado pelo autor com base em CastNews (2023)].

Por fim, divida a turma em grupos de quatro estudantes para a produção dos roteiros do *podcast*. Um dos integrantes atuará como mediador, e os outros três apresentarão seus textos como convidados.

Recursos necessários

- Projetor multimídia ou televisão com entrada HDMI;
 - Computador ou *notebook*;
 - *Slides* de apresentação dos textos;
 - Material impresso;
 - Quadro e marcadores para anotações durante a exposição.
-

5ª Etapa – Gravação do *podcast*

Objetivo geral da proposta

Compreender os elementos constitutivos do gênero *podcast*, reconhecendo a importância de outros gêneros, como as memórias literárias e o roteiro, em sua construção. Além disso, busca-se promover diferentes práticas de linguagem, leitura e escuta, produção de textos, oralidade, análise linguística e semiótica, a partir dos gêneros trabalhados, valorizando as relações interculturais baseadas no respeito, na escuta sensível e na convivência no ambiente escolar entre estudantes imigrantes e brasileiros.

Objetivos específicos desta etapa

- Conhecer e utilizar a plataforma *Anchor*, do *Spotify*;
 - Gravar um episódio de *podcast*;
 - Editar e postar um episódio de *podcast* em plataformas digitais.
-



5ª Etapa – Gravação do *podcast*

Conteúdos programáticos

- Instrumentalização para gravação, edição e divulgação do *podcast*.
-

Metodologia

- Aula teórico-prática;
 - Fins explicativos.
-

***Podcast* bilíngue: português e espanhol**

Professor(a), este material didático-pedagógico também tem como objetivo dar voz ativa aos estudantes imigrantes e promover relações interculturais baseadas no respeito, na escuta sensível e na convivência no ambiente escolar entre eles e os estudantes brasileiros. A proposta é que, por meio da escrita de memórias literárias e da gravação de um *podcast*, esses estudantes possam expressar suas vivências, valorizando suas identidades culturais e linguísticas.

Pensando nisso, sugerimos que seja realizada a gravação de um *podcast* bilíngue, em português e espanhol. Dessa forma, os estudantes imigrantes hispanofalantes terão a oportunidade de serem ouvidos em sua língua materna, podendo compartilhar suas memórias literárias em espanhol ou, se desejarem, se desafiar a narrá-las também em língua portuguesa. Ambas as opções devem ser respeitadas e acolhidas como parte do processo de aprendizagem e valorização da diversidade cultural.

Para apoiar essa etapa, deixamos exemplos de falas em língua espanhola, na 4ª etapa, que podem orientar a construção do roteiro do *podcast*. Além disso, como se trata de uma série de episódios, sugerimos que a discussão final de cada episódio possa ser realizada ora em português, ora em espanhol, promovendo uma alternância linguística que fortaleça a escuta ativa, a inclusão e o diálogo entre culturas.



5ª Etapa – Gravação do *podcast*

Descrição das ações procedimentais

Na última etapa deste material didático-pedagógico, abordaremos a instrumentalização para a gravação do *podcast* na plataforma *Anchor*, do *Spotify*. Para esta etapa, professor(a), é importante que você tenha um conhecimento prévio sobre o funcionamento da plataforma. Para isso, acesse o seguinte link: [Introdução ao Anchor](#) (Promovaweb Marketing e Automação, 2019) e assista aos 12 vídeos tutoriais, com duração entre 2 e 4 minutos, que explicam como utilizar a plataforma.

Explique aos estudantes que, após a construção do roteiro (realizada na 4ª etapa), chegou o momento de gravar o *podcast*, e que essa gravação será feita na plataforma *Anchor*. Apresente a eles que o *Anchor* é uma ferramenta gratuita, de uso simples, que permite criar, hospedar e distribuir *podcasts*, além de oferecer recursos de gravação e edição de áudio. Destaque os pontos principais da plataforma, que seguem.

Gravação: A plataforma *Anchor* permite gravar o *podcast* diretamente pelo *site* ou pelo aplicativo no celular, de forma simples e prática. Também é possível importar áudios já gravados em outros lugares, como arquivos em MP3.

Edição: A *Anchor* oferece algumas ferramentas básicas de edição, como cortar trechos, adicionar trilhas sonoras e efeitos. Mesmo com essas opções, o ideal é baixar o áudio e usar um programa de edição mais completo caso o episódio precise de ajustes mais detalhados. A plataforma também permite organizar o episódio em segmentos, facilitando a edição e a estruturação do conteúdo.

Publicação: Depois de finalizado, o episódio pode ser publicado diretamente pelo *Anchor*, que faz a hospedagem gratuita e distribui o *podcast* automaticamente em outras plataformas, como *Spotify*, *Apple Podcasts*, entre outras. É possível adicionar a capa do *podcast*, escrever uma descrição para o episódio e gerar um *link* de acesso. A plataforma também oferece dados sobre o desempenho do *podcast*, como número de ouvintes e reproduções.

Disponibilização de videoaulas: É fundamental que você disponibilize aos alunos os vídeos explicativos sobre como utilizar o *Anchor*, tanto em computadores quanto em celulares. Utilize os vídeos mencionados anteriormente como apoio nesta etapa.

Organização dos grupos: Forme grupos de quatro estudantes. Três deles apresentarão seus textos no episódio, e um atuará como mediador. Cada grupo será responsável por gravação, edição e publicação do episódio. Sugere-se o uso dos celulares dos próprios alunos ou da escola.

Local de gravação: O ideal é utilizar um espaço da escola com pouco ruído, como uma sala pequena, com bom isolamento acústico, equipada com quatro cadeiras e mesas para o mediador e os convidados. O professor deve acompanhar a gravação.

Organização da sala de aula: Para facilitar a organização, sugere-se o seguinte formato:

- com os grupos já formados e roteiros em construção, oriente a gravação do episódio do primeiro grupo;
- enquanto esse grupo grava, os demais permanecem na sala trabalhando na construção ou revisão de seus roteiros;
- após a gravação, o grupo poderá realizar a edição do episódio com acompanhamento do professor;
- quando a edição for finalizada, revise o material e oriente a postagem;
- o trabalho seguirá em sistema de rodízio, garantindo que todos os grupos estejam engajados em alguma etapa do processo;
- os episódios podem ser postados semanalmente, criando um cronograma organizado e contínuo.



5ª Etapa – Gravação do *podcast*

Divulgação: A capa do *podcast* pode ser criada por um estudante com habilidades em ferramentas de *design*. A descrição do episódio pode ser escrita em conjunto com a turma. A criação da conta no *Spotify* para a publicação dos episódios deve ser feita pelo professor. Os estudantes que finalizarem suas atividades antes dos demais podem confeccionar cartazes de divulgação para compartilhar com a comunidade escolar, nas redes sociais, salas de aula e demais espaços da escola, incentivando a participação e escuta do *podcast*.

Observação: Professor(a), destacamos que, embora o objetivo do gênero *podcast* seja, por natureza, a circulação em plataformas digitais com o intuito de atingir diferentes públicos, no caso específico desta proposta didática, essa divulgação requer cautela. Isso se deve ao fato de que os episódios foram construídos a partir do gênero memórias literárias, o qual traz consigo a marca da subjetividade dos estudantes, revelando experiências pessoais, identitárias e, muitas vezes, sensíveis. Diante disso, consideramos que a ampla divulgação nas redes sociais pode não ser a forma mais adequada de compartilhamento, visando preservar a privacidade e o bem-estar dos participantes. Como alternativa, propomos restringir o acesso à comunidade escolar, garantindo um espaço seguro de escuta e valorização das vozes dos estudantes.

Recursos necessários

- Projetor multimídia ou televisão com entrada HDMI;
 - Computador ou *notebook*;
 - Celular;
 - Acesso à internet;
 - Fones e microfones.
-

7 Considerações finais

Concluimos que as cinco etapas apresentadas nesta proposta didática estão articuladas e se complementam, promovendo uma abordagem coerente para o trabalho com o gênero multimodal *podcast* nas aulas de LP. Essa proposta visa não apenas ao desenvolvimento de práticas de linguagem, mas também ao acolhimento sensível e efetivo de estudantes imigrantes no espaço escolar.

Inspirados por Candau (2014), entendemos o acolhimento como prática educativa intercultural, que valoriza o diálogo entre diferentes culturas, saberes e experiências de vida. Nesse sentido, a proposta didática não apenas acolhe, mas também cria espaços de escuta e de fala, contribuindo para a construção de uma escola mais inclusiva e democrática. Ao dialogarmos com a perspectiva dialógica da linguagem

do Círculo de Bakhtin (2011) de gêneros do discurso, compreendemos o *podcast* como um gênero vivo, situado, atravessado por vozes sociais diversas e, portanto, um instrumento potente para o ensino de LP em contextos multiculturais.

Reafirmamos, assim, a importância deste material didático-pedagógico como apoio aos professores de LP da educação básica brasileira, que, muitas vezes, não dispõem de tempo ou recursos para elaborar propostas que articulem o ensino dos gêneros discursivos com práticas de acolhimento. A proposta didática aqui apresentada pretende contribuir para suprir essa lacuna, oferecendo caminhos possíveis para uma prática docente comprometida com a pluralidade linguística e cultural presente nas escolas brasileiras. Reforçamos, contudo, nossa defesa por melhores condições de trabalho aos professores, para que eles possam desenvolver seus próprios materiais didáticos.

Referências

ACHISMOSTV. Esses alunos são nota zero na vida fora da escola. **Youtube**, 15 ago. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W-g-pPQOo-I4&t=31s>. Acesso em: 15 abr. 2025.

AGÊNCIA WEBi. **Como fazer um roteiro de podcast?:** Conheça estratégias para conteúdo em áudio. 2023. Disponível em: <https://webi.com.br/blog/como-fazer-um-roteiro-de-podcast/>. Acesso em: 1 maio 2025.

ANTUNES, I. **Aula de português:** encontro & interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 27 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1990. Disponível em: <https://cutt.ly/yECVBmB>. Acesso em: 6 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 6 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

CANDAU, V. M. **Concepção de educação intercultural**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. Documento de trabalho.

CANDAU, V. M. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 802-820, 2016.

CERUTTI-RIZZATTI, M. E. Ensino de língua portuguesa e inquietações teórico-metodológicas: os gêneros discursivos na aula de português e a aula (de português) como gênero discursivo. **Alfa: revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v. 56, p. 249-269, 2012.

COSTA-HÜBES, T. C. A pesquisa em ciências humanas sob um viés bakhtiniano. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 552-568, dez. 2017.

DELMANTO, D.; CARVALHO, L. de. **Português: conexão e uso**. 7º ano: Ensino Fundamental, Anos Finais. São Paulo: Saraiva, 2018. Disponível em: https://api.plurall.net/media_viewer/documents/2595927. Acesso em: 23 abr. 2025.

DIONISIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 135-151.

ELEFANTE LETRADO. Letrando Podcast | Temporada Escola: Cultura Digital. **Youtube**, 16 maio 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=77n7J_jeMk4&list=PLG_73ZqlnfbUF9wFALhWCLOr-jOhHn25D&index=10. Acesso em: 10 abr. 2025.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GATTAI, Z. **Città di Roma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GASPARIN, J. L. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2007.

ISFER, A. Como escrever um roteiro de podcast (com modelos). **CastNews**, 2023. Disponível em: <https://www.castnews.com.br/como-escrever-um-roteiro-de-podcast-com-modelos/>. Acesso em: 1 maio 2025.

LOTTERMANN, G. F. **O gênero discursivo digital podcast aplicado à educação**: pressupostos teóricos e práticos. 2022. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.

OLIVEIRA, A. C F; ABRANTES, V. V. Podcasts como um design alternativo para o ensino de português para refugiados no Brasil. **Revista Ciranda**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 176-187, 2021.

PÔE NA ESTANTE. Cidadã de Segunda Classe, Buchi Emecheta. **Youtube**, 4 ago. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zYOl1=-LAJyQ&t=1173s>. Acesso em: 15 abr. 2025.

PROMOVAWEB MARKETING E AUTOMAÇÃO. Introdução ao Anchor. **Youtube**, 23 out. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fo2cuKM9NHk&list=PLCaGJjRNYGPwdMoFmTQEcObQoSqXAlqo&index=3>. Acesso em: 25 maio 2025.

REVISTA EDUCAÇÃO. Letramento digital: uso crítico dos meios digitais | Podcast Brasil Educação. **Youtube**, 31 ago. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b-TNCN_GLBA. Acesso em: 10 abr. 2025.

ROJO, R. Entre plataformas, odas e protótipos: novos multiletramentos em tempos de Web21. **The ESpecialist**: descrição, ensino e aprendizagem, Campinas, v. 38, n. 1, p. 1-20, jan./jul. 2017.

SANTOS, B. S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social**: revista de Sociologia, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1993.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

UCHÔA, J. M. S. **O gênero podcast educacional**: descrição do conteúdo temático, estilo e construção composicional. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2010.

APÊNDICE A – QUADROS SINÓTICOS

Quadro 1 – Proposta de análise da dimensão social (contextual) do *podcast*

DIMENSÃO SOCIAL (CONTEXTUAL) DO GÊNERO *PODCAST*

Horizonte cronotrópico do enunciado

Campo de atividade humana a que pertence?	Na contemporaneidade, um dos formatos que tem se destacado como meio de interação e circulação de discursos é o <i>podcast</i>, que se popularizou nas maiores plataformas de <i>streaming</i>, como <i>Spotify</i>, <i>Youtube</i>, <i>Google Podcasts</i> e <i>Deezer</i>. Trata-se de um gênero constituído a partir de textos escritos, vídeos ou áudios, sendo predominantemente composto por arquivos de áudios. Oliveira e Abrantes (2021) comparam o <i>podcast</i> a uma assinatura de revista <i>on-line</i>, em que os ouvintes podem inscrever-se e receber notificações de novos episódios. Sendo assim, o <i>podcast</i>, como um gênero relativamente estável de enunciado (Bakhtin, 2011), é utilizado em diversos campos de atividade humana – científica, tecnológica, publicitária, jornalística, educacional, cultural e política –, com a finalidade de criar e disseminar conteúdos em formato de áudio digital, disponibilizados pela internet, visando à construção e circulação de saberes. O <i>podcast</i> desempenha múltiplas funções, que vão do entretenimento à transmissão de informações, incluindo sua aplicação no contexto educacional. Assim, os textos-enunciados desse gênero se inserem em uma ampla variedade de campos de atividade, podendo se concretizar discursivamente na modalidade oral, em formato textual, e ser veiculados por meio do rádio, dispositivos de áudio ou plataformas digitais (Lenharo; Cristovão, 2016). Portanto, “[...] denomina-se <i>podcast</i> uma série de arquivos que seguem uma temática de um determinado campo da atividade humana” (Uchôa, 2010, p. 18).
---	--



DIMENSÃO SOCIAL (CONTEXTUAL) DO GÊNERO *PODCAST*

Qual é o momento histórico de produção?

Baseado em diversos autores, Uchôa (2010) explica que o termo *podcasting* surgiu da junção entre *iPod* (tocador de áudio da Apple) e *broadcasting* (transmissão de rádio ou TV). Contudo, estudos indicam que o termo *podcast* não está necessariamente ligado ao aparelho iPod. *Pod* refere-se à expressão *portable on demand* (portátil sob demanda), enquanto *cast* vem do verbo *broadcast*, que significa transmitir conteúdo, como programas de rádio ou televisão. Assim, o *podcast* é compreendido como um conteúdo de áudio que pode ser acessado a qualquer momento e em diferentes dispositivos (Uchôa, 2010).

“[...] Moura e Carvalho (2006) relatam que a prática de *podcasting* foi apresentada ao mundo por Adam Curry e Dave Winer” (Uchôa, 2010, p. 17).

Qual é o veículo de circulação?

Atualmente, o *podcast* se popularizou nas maiores plataformas de *streaming*, como *Spotify*, *Youtube*, *Google Podcasts* e *Deezer*. Oliveira e Abrantes (2021) comparam o *podcast* a uma assinatura de revista *on-line*, em que os ouvintes podem inscrever-se e receber notificações de novos episódios.

Qual é o suporte de circulação?

Conforme destaca Uchôa (2010), para acessar um *podcast*, é preciso que o usuário esteja conectado à internet por meio de um dispositivo com recursos multimídia e com os *softwares* adequados instalados. Atualmente, os *podcasts* podem ser reproduzidos em uma variedade de dispositivos digitais, como computadores, celulares, tablets e outras ferramentas tecnológicas compatíveis, o que amplia significativamente seus meios de circulação.

Horizonte temático do enunciado

Qual é o conteúdo temático?

O *podcast*, como gênero do discurso multimodal, não apenas se adapta ao contexto digital, mas também se molda às necessidades e especificidades do seu público-alvo, assim como às particularidades do campo de conhecimento abordado por cada programa. Com base em Uchôa (2010), Lottermann (2022, p. 48) complementa ao explicar que o conteúdo temático do *podcast* possui “[...] um propósito comunicativo específico, isto é, seguindo um campo de conhecimento, como, por exemplo, a música, a culinária, a literatura ou o futebol, e circula em ambiente digital”.



DIMENSÃO SOCIAL (CONTEXTUAL) DO GÊNERO *PODCAST*

Qual é a intencionalidade da produção?	A intencionalidade de um <i>podcast</i> está diretamente ligada ao tema que ele aborda. É importante lembrar que esse gênero tem como propósito ser envolvente, interativo e dinâmico, buscando alcançar diferentes tipos de público. Dessa forma, contribui para o desenvolvimento da comunicação em variados contextos e situações discursivas, estimulando o uso da oralidade por meio de reflexões que consideram a linguagem utilizada, o público-alvo e o meio pelo qual o conteúdo é veiculado (Machado <i>et al.</i> , 2017).
--	---

Horizonte Axiológico do Enunciado

Qual a autoria?	Para Lottermann (2022), o autor de um <i>podcast</i> pode ser qualquer pessoa com o objetivo de informar e que construirá “[...] um novo enunciado, produzindo sentido a partir da corrente complexamente organizada de outros enunciados” (Bakhtin, 2011, p. 272).
-----------------	---

Qual a interlocução?	A interlocução, portanto, envolve como supradestinatários os sujeitos em geral, estando fortemente vinculada ao campo comunicativo abordado por cada episódio ou por cada <i>podcast</i> em particular (Lottermann, 2022).
----------------------	--

Quais os papéis sociais dos interactantes?	No contexto do <i>podcast</i> , os papéis sociais atribuídos ao autor e ao interlocutor são distintos, mas complementares. Cabe ao autor a função de transmitir conhecimentos, expressando valores e pontos de vista específicos. Já do interlocutor, espera-se uma postura de participação ativa e responsiva, manifestada por meio de ações como compartilhar, curtir e comentar o conteúdo (Lottermann, 2022). Ao produzir um <i>podcast</i> , o autor desempenha o papel social de divulgar, disseminar e socializar informações, buscando também persuadir o interlocutor em relação a determinado tema ou posicionamento valorativo. Por sua vez, o interlocutor exerce uma função responsiva, que pode se manifestar por meio de ações como curtir, compartilhar ou salvar o conteúdo. Nesse processo, ocorre a incorporação de diferentes vozes e discursos, compondo o enunciado que é transmitido aos ouvintes (Uchôa, 2010).
--	--



DIMENSÃO SOCIAL (CONTEXTUAL) DO GÊNERO *PODCAST*

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.
- CERUTTI-RIZZATTI, M. E. Ensino de língua portuguesa e inquietações teórico-metodológicas: os gêneros discursivos na aula de português e a aula [de português] como gênero discursivo. **Alfa: revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v. 56, p. 249-269, 2012.
- LENHARO, R. I.; CRISTOVÃO, V. L. L. Podcast, Participação Social e Desenvolvimento. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 307-335 jan./mar. 2016.
- LOTTERMANN, G. F. **O gênero discursivo digital podcast aplicado à educação**: pressupostos teóricos e práticos. 2022. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.
- MACHADO, K. F.; FERREIRA, L. V.; SOUZA, M. G. L.; HOLLOWKA, R. L. Gêneros Textuais na Sala de Aula: práticas de produção textual por meio de podcast. In: XIII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. **Anais [...]**. Curitiba: PUC, 2017.
- MOURA, A.; CARVALHO, A. A. A. Podcast: potencialidades na educação. **Prisma.com**, Portugal, n. 3, p. 88-110, 2006.
- OLIVEIRA, A. C. F.; ABRANTES, V. V. Podcasts como um design alternativo para o ensino de português para refugiados no Brasil. **Revista Ciranda**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 176-187, 2021.
- UCHÔA, J. M. S. **O gênero podcast educacional**: descrição do conteúdo temático, estilo e construção composicional. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2010.
-

Fonte: elaborado com base em Costa-Hübes (2017).

Quadro 2 – Proposta de análise da dimensão verbal (linguístico-semiótica) do *podcast*

DIMENSÃO VERBAL (LINGUÍSTICO-SEMIÓTICA) DO ENUNCIADO DO GÊNERO *PODCAST*

Tema do enunciado

Tema	“[...] o tema do <i>podcast</i> dependerá da intencionalidade do autor, da sua recepção e do contexto em que está inserido, pois pode reunir notícias, músicas, bem como entrevistas e informações sobre qualquer assunto” (Lottermann, 2022, p. 58).
------	---

Construção composicional

Construção composicional	Segundo Lottermann (2022), a construção composicional do <i>podcast</i> caracteriza-se por sua natureza híbrida e dinâmica, que permite a combinação de diferentes linguagens, especialmente na atualidade, com a presença de <i>podcasts</i> não apenas em áudio, mas também em formatos verbo-visuais. Essa flexibilidade estrutural está alinhada à concepção de Bakhtin (2011), segundo a qual cada gênero discursivo possui uma organização composicional relativamente estável, adaptada à sua função social e comunicativa. No entanto, o <i>podcast</i>, por seu caráter híbrido, ultrapassa essas fronteiras fixas, intercalando múltiplos gêneros discursivos, como entrevistas, resenhas, análises, aulas e debates. Essa mescla pode ocorrer de forma fluida, sem delimitações claras, o que, segundo Bakhtin (2011), caracteriza o enunciado híbrido, no qual coexistem diferentes vozes e perspectivas dentro de uma mesma estrutura de fala, sem separações formais visíveis. Já quando há distinções mais nítidas entre os gêneros mesclados (por exemplo, um relato inserido em uma carta), falamos em um gênero intercalado, como explicam Rojo e Moura (2019). Assim, o <i>podcast</i> pode tanto fundir estilos e sentidos distintos quanto apresentar fronteiras composicionais mais definidas, dependendo de sua proposta enunciativa.
--------------------------	--

Estilo

Estilo	Lottermann (2022), com base em Uchôa (2010), explica “[...] que no gênero <i>podcast</i> há variados estilos, do formal ao informal, que estão ligados, diretamente, às escolhas temáticas do usuário e ao interlocutor-supradestinatário que se deseja alcançar e compartilhar conhecimentos”.
--------	---



DIMENSÃO VERBAL (LINGÜÍSTICO-SEMÍÓTICA) DO ENUNCIADO DO GÊNERO *PODCAST*

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.
- LOTTERMANN, G. F. **O gênero discursivo digital podcast aplicado à educação**: pressupostos teóricos e práticos. 2022. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.
- ROJO, R.; MOURA, E. (org.). **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.
- UCHÔA, J. M. S. **O gênero podcast educacional**: descrição do conteúdo temático, estilo e construção composicional. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2010.
-

Fonte: elaborado com base em Costa-Hübes (2017).

Referência

- COSTA-HÜBES, T. C. A pesquisa em ciências humanas sob um viés bakhtiniano. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 552-568, dez. 2017.

TEXTOS DE MEMÓRIAS – PARTE I
PRODUÇÕES DE ESTUDANTES DO 2º ANO DO ENSINO
MÉDIO EEB LARA RIBAS – CHAPECÓ-SC 2025



Ilustração: Eduardo de Linhares Leite
(2º ano – Ensino Médio EEB Lara Ribas, 2025).

AQUELE TOMBO

Arthur Migliavacca Guerim

Hoje eu estava andando de bicicleta com meus amigos, estávamos andando em volta de um terreno baldio, e do nada o dia que estava ensolarado começou a esfriar e cair uma garoa leve, começou a subir o cheiro de terra molhada, até que lembrei.

Alguns anos atrás, eu estava andando de bicicleta nessa mesma rua e brincando na terra desse mesmo terreno, lembro que no dia estava caindo uma chuva fina e estava por volta do 21°C, eu estava sentindo aquele mesmo cheiro de terra molhada, quando parou de chover perdeu a graça, pois as poças de água e lama estavam desaparecendo, lembrei que, não muito longe dali, tinha um lugar parecido, com uma praça com as calçadas de concreto irregular e esburacadas, lá as poças eram fundas e demoravam para sumir.

Subi na bicicleta e fui para lá. Chegando perto do lugar, faltando umas duas ou três quadras naquela rua íngreme, com o asfalto molhado, aquele piazinho molhado e todo sujo de barro, com um chinelo branco encardido, uma camisa de time e um calção de futebol velho desceu a rua muito rápido e, na hora de frear, aquele asfalto molhado e o pneu careca da bicicleta obviamente não combinaram.

Me espatifei no chão, caí de lado e me ralei todo, estourei o chinelo e rasguei o calção, levantei todo ralado e dolorido, fiquei bravo, voltei para casa com frio, machucado e meio gripado, aprendi que tem que tomar cuidado com esses asfaltos molhados.

A ANGÚSTIA DE UMA PARALISIA

Camael Borguezan

Pelos últimos dias, tenho assistido a uma série. Um episódio específico despertou em minha mente lembranças de situações que me deixam com medo até hoje. Na cena apresentada, havia uma mulher dormindo, de repente, ela começa a fazer força para se mexer, além de murmúrios de agonia. Com isso, não pude não me recordar das vezes que tive paralisia do sono.

Um zumbido começou a crescer em meus ouvidos, nesse momento, já sei que tenho que lutar para conseguir despertar do sono. Poucos minutos após eu dormir, esse arrepio me vem e percebo na hora que estava paralisado, sabia que estava dormindo, porém tudo parece tão real. Diferentes vozes vêm ao meu ouvido, chamando por meu nome de maneira desesperada e agonizante.

Meus olhos permanecem fechados, por medo. Quando eu já não suporto aqueles chamados, eu os silencio, em desespero. Por um momento, os sons param, então tomo uma decisão da qual me arrependerei constantemente, abri os olhos. No exato momento que começo a enxergar, vejo o travesseiro se distanciando, por segundos sinto meu corpo sem peso e com uma força sobre ele, eu flutuo, não tenho em mente se estava sonhando ou não, porém, eu estava no meu quarto,

com minhas coisas, aparentemente real. Quando meu corpo levitou, após dois ou três segundos, caí por cima da cama, acordei!

Agora acordado, aterrorizado, então olho para os lados e vejo uma criatura semelhante a uma aranha, mas maior, esse ser começou a se direcionar ao canto da porta, tentei desesperadamente acender a lanterna do meu celular, mas não o encontrava em minha cama, a criatura entra no vão da porta e desaparece.

Depois dessa cena absurda, achei o celular e consegui ver meu quarto de forma clara, sabia que agora estava acordado, só não tinha noção do que havia passado.

Hoje lembro desse dia com angústia, sem entender o que realmente aconteceu, mas alegre de ter me livrado dessa situação.

O PERIGOSO ANEL DE PLÁSTICO

Eduardo de Linhares Leite

Conforme os dias passam, algumas vezes me recordo de algo que aconteceu no meu primeiro ano do fundamental. Em uma certa manhã, uma amiga havia chegado na sala com uma grande sacola, que não se enxergava por dentro, Paula trazia esse ar misterioso, que na verdade não durou muito tempo, logo revelou que na sacola havia diversos anéis de plástico para distribuir.

Não demorou muito para que a turma se animasse com o presente repentino e, conforme ela entregava de mesa em mesa, logo chegou minha vez. Com ansiedade, depressa coloquei o anel em meu dedo, porém tinha ficado apertado e com isso acabei sentindo um incômodo. Logo me deu vontade de tirar, mas não saiu do meu dedo. O desespero foi tomando conta e as tentativas de retirada foram iniciadas. A professora, percebendo, já foi me ajudar. As tentativas foram diversas, puxões, detergente, água e por aí vai, mas nada dava certo, meu dedo já estava até roxo e eu desesperado, com o pensamento de que meu dedo já era, após ter escutado a professora falar a fatídica frase “talvez, se demorar mais um pouco, seu dedo pode cair”.

Como última opção, os bombeiros foram acionados e não demorou muito para que o caminhão chegasse; olhando para fora da

escola, eu avistava três bombeiros que, na época, pareciam o Batman, Superman e o Lanterna Verde, vindo em minha direção. Acho que, chegando na escola, possivelmente achavam que havia algum incêndio, mas na verdade era apenas um molequinho aos prantos. Eles cortaram o meu anel de plástico com uma pequena serrinha – o que, honestamente, uma faca de cozinha faria igual: nota zero para você, professora do 1º ano. Não demorou para que eu voltasse a correr com meu anel dividido em dois e meu dedo de volta ao normal.

Acho que, depois desse dia, nunca mais utilizei anéis. Embora hoje em dia eu ache bonito, me incomoda tanto que logo tiro... acho que pode ser algum trauma.

AMIZADE MARCÁVEL

Enzo Hoffmann Cordeiro

Esses dias eu me lembrei de algumas boas memórias com o meu velho amigo Neguinho. Apesar de ele não ser de origem afro, apelidamos ele por conta de seu tom de pele muito branco. Semana passada, tivemos, eu e ele, um trabalho de grupo: deveríamos fazer uma maquete de um extrator petrolífero.

Quando finalizamos, vi que Neguinho havia posto um bonequinho de Lego para representar uma pessoa. Foi nesse boneco que a nostalgia me consumiu.

Nós, quando crianças, tínhamos um interesse em comum: Lego. Adorávamos passar o tempo escolar falando sobre lançamentos. Em uma aula livre de Educação Física, ficamos a aula toda caminhando em torno da quadra e conversando sobre um helicóptero de Lego que eu havia visto pendurado no teto de uma loja de brinquedos. Nesse mesmo dia, lembro de comentarmos sobre os lançamentos de naves, cujo helicóptero era um, e de comentarmos sobre quais conjuntos gostaríamos de ter e das constantes reclamações dos preços elevados. Pelo sério, éramos duas crianças sem poder de compra, porém amantes do assunto.

Pela nossa amizade, visitávamos um ao outro. Lembro de ir na casa dele e passar a tarde montando e inventando coisas. Certo dia, ele

tinha ganhado de aniversário um trator florestal de Lego, que montou e desmontou. Com esse trator desmontado, eu tentei montar um barco que se movia numa base. Éramos dois amantes de Lego que brincavam e falavam de Lego.

Eu tinha um canal no YouTube, me recordo de um dia convidar o Neguinho para gravar em minha casa. Gravamos as nossas coleções em conjunto e quais Legos tínhamos em comum.

Nossa paixão por Lego ainda existe, porém nossa atenção está muito mais nichada, como por réplicas de carros. Com o amadurecimento, deixamos de comentar apenas daquele brinquedo, mas é algo que ainda existe entre nossos assuntos. Com certeza, nossa amizade foi construída peça por peça.

MEU PRIMEIRO CAMPEONATO

Gabriel Valmorbida

Nesse final de semana estava revendo algumas lutas das Olimpíadas passadas e percebi como os atletas eram calmos para lutar, isso me fez recordar do meu primeiro campeonato. A ansiedade começou semanas antes, nos treinos eu imaginava os meus adversários, a cada dia que passava os treinos ficavam mais intensos e a ansiedade só aumentava, o campeonato era em Itapema, a saída era na sexta pela manhã, a ansiedade era tanta que na terça as malas já estavam prontas.

Na manhã de sexta, me despedi dos meus pais e embarquei no ônibus para sair de Chapecó para Itapema. Chegando no ginásio, quando vi aquelas áreas de luta enormes, meus olhos brilharam e percebi que era o que eu realmente gostava. Na manhã de sábado, coloquei meu *judogi* e fui para a área de concentração, estava tão ansioso que comecei a tremer, até que chegou a hora da minha luta. O árbitro mandou entrar na área e cumprimentar, a luta começou e, naquele momento, percebi que todos os meus sentimentos ruins desapareceram, eu não via mais multidão ao meu redor, estava focado em ganhar. Depois de dois minutos de luta, consegui ganhar e fiquei extremamente feliz.

Essa é uma recordação muito importante, pois me ensinou que eu não precisava ficar ansioso.

MORDIDA FERROZ

Julia Sartori Barbieri

Certo dia, um cachorro de grande porte veio me cheirar na rua e senti muito medo, pois toda vez que isso acontece penso que eles vão sentir o cheiro do *chow-chow* que me mordeu há sete anos.

Foi no dia 13 de maio de 2018, Dia das Mães, estávamos na casa da minha avó. Mais ou menos um mês antes, meu dindo adotou uma cadela que se chamava Laika, ela já era adulta e aparentemente bem dócil, mas, como a raça *chow-chow* é conhecida por ser muito traiçoeira, ninguém chegava muito perto. Ela já tinha mordido o dedo da minha avó também.

Era uma tarde ensolarada de domingo, após o almoço que sempre fazemos. Eu, minha mãe e minha avó estávamos cortando muitas laranjas para fazer suco e congelar, eu tinha nove anos e, como toda criança, tinha muita vontade de usar óculos de grau, pois todas as minhas amigas usavam e eu não. Comentei com minha mãe e ela falou que tinha um óculos de sol velho dentro do carro e que poderia pegá-lo, tirar as lentes e fazer de conta que realmente era um óculos de grau.

Então, larguei a faca, lavei as mãos e fui até o carro, só esqueceram de avisar que a Laika estava presa em uma corda amarrada no carro e, quando abri a porta, ela veio e mordeu minha canela. Comecei

a gritar, mas ninguém, nem eu mesma, tinha entendido o que estava acontecendo. Eu tentava sair e a cadela agarrava minha perna com muita força, com aquela boca e dentes gigantescos. Meu primo, que na época tinha 15 anos, veio me ajudar, espantou a Laika e me tirou de lá; acredito que, pela adrenalina, não senti nada na hora. Eu estava com uma calça de moletom e achamos que ela tinha pegado somente na calça, então voltei para a mesa e continuei cortando laranjas ao lado da minha mãe.

Minha avó assustada se abaixou e ergueu minha calça para ver se estava tudo bem, quando olhamos, minha pele estava caída e coisas saindo pra fora, minha mãe rapidamente me pegou no colo e fomos para o hospital na cidade vizinha.

Chegamos lá, eu deitada na maca e o médico mexendo no celular em vez de me atender. Ele fez a anestesia e doeu muito, mas, enfim, fiz os pontos e fui para casa, tinha festa da minha amiga na outra semana e tive que brincar de esconde-esconde mancando. Meu dindo devolveu a Laika e tudo ficou bem. Acho melhor não chegar perto de cachorros de grande porte.

PATINS

Luisa Ceccarelli Tramontini

Em minhas férias da escola, eu adorava viajar para a casa de minhas primas, onde eu aproveitava tudo que podia. Um belo dia, decidimos que queríamos ter uma aventura, claro que seria divertido, então, vimos um par de patins rosa, bem brilhantes, tudo que nos chamava a atenção.

Na casa da minha tia Carol, eu tinha duas primas, Julia e Letícia, minhas primas preferidas. Minha prima Letícia e eu fazemos aniversário no mesmo dia. No seu aniversário de 7 anos, fomos andar com o par de patins, porém, tinha um pequeno problema: era um par para três meninas; então, tivemos a brilhante ideia de duas de nós (eu e minha prima Julia) usarmos cada uma um lado do par de patins. Para nós, crianças, era uma excelente ideia.

Eu, Luisa, desde muito novinha, sempre fui muito pequena perto de minhas primas. A Julia era a mais velha. Com seus 11 anos, ela tinha o dobro do meu tamanho, mas nem passou pela nossa cabeça esse “pequeno” detalhe, o que no final se tornara um grande detalhe.

Ao vermos uma rampa, nossos olhos brilharam, eu fui a primeira a tomar coragem de descer; quando descí, foi tão rápido que não deu nem tempo de pensar, caí que nem vi, e ela desceu logo atrás, caindo em

cima de mim, com a cabeça sobre minha clavícula, nunca havia sentido tanta dor em minha vida, e, surpresa, fraturou a minha clavícula. Depois disso, numa mais andei de patins, e sinto dores até hoje.

A MINHA CICATRIZ

Lukas Riva da Silva

Hoje mais cedo eu estava jogando futebol até que recebi uma falta forte no joelho esquerdo. Olhei para o meu joelho e vi uma cicatriz, e lembrei de quando morava no interior de Seara.

Lá eu morava no interior com meus pais. Nós tínhamos uma fazenda muito grande. Eu desempenhava a função de cuidar dos animais, vacas e porcos.

Certo dia, chovia muito e já estava na hora de tirar leite das vacas. Como o cercado das vacas ficava longe, eu peguei a moto do meu pai e fui buscar as vacas. O caminho estava com muito barro e pedra por conta dos tratores que passavam ali. Para mim, aquilo não era problema, pois já tinha passado por isso muitas vezes, mas sabia que aquele dia ia ser diferente.

Então, eu continuei seguindo a estrada até que percebi um barranco. E, mesmo assim, eu tentei subir com a moto, mas o que eu não esperava é que, quando eu já estava no final da subida, a moto resvalasse e eu caísse. Caí com o joelho por cima de mim.

Então eu me desesperei porque estava longe de casa e com muita dor. No final, eu voltei a pé para casa, sozinho e machucado. Quando

cheguei em casa, meu pai me levou ao médico e, depois disso, tive que ficar dois meses usando muleta para caminhar.

E essa é a história da minha cicatriz.

O DIA EM QUE ME ACIDENTEI DE BICICLETA

Marcos Henrique da Rosa Leite

Hoje eu acordei e, ao tomar banho, olhei para baixo e vi uma cicatriz em meu peito. Lembrei-me de que, em uma sexta-feira, no dia 24 de abril de 2025, às 11h30min, eu estava saindo da aula de português com meus amigos para pegar minha bicicleta. Nesse dia estava chovendo e muito frio.

Quando eu fui pegar a minha bicicleta, esperei o meu amigo chegar para pegar a dele também, então, nós saímos da escola e, quando eu estava descendo, meu amigo parou de repente na minha frente e eu estava olhando para trás. Foi quando eu bati no guidão da bicicleta dele.

Com a batida, a minha bicicleta girou no ar e minha camisa prendeu no guidão da minha bicicleta. Meu amigo não caiu, mas ficou com a cabeça doendo, pois o pneu da minha bicicleta bateu na cabeça dele. Por outro lado, eu caí com a minha camisa presa no guidão, que me prendeu no castelo do guidão.

Após isso, eu me debati com muita dor, sem conseguir respirar. Com a minha camisa furada, mal consegui soltar o guidão. Eu me recuperei, mas não sabia que a minha bicicleta tinha quebrado.

Subi nela e tentei andar. Quando eu peguei muito embalo, foi em um ponto em que a rua tinha areia e terra. Com isso, não consegui

parar a bicicleta, e também porque tinha o carro do meu pai na esquina. Eu tentei entrar, mas, como já estávamos em uma ladeira, e estávamos em muita velocidade, eu não consegui parar a bicicleta. Ali tinha uma marmitaria, com uma entrada e, do lado da entrada, tinha um muro com mais ou menos um metro de altura. Foi quando eu pulei com a bicicleta por cima desse muro! Com isso, eu pulei da bicicleta. A bicicleta caiu com tudo no chão, e eu arranquei o tampão do dedo.

Levantei, peguei a bicicleta e fui para casa. Tive que ir ao médico. Ficou tudo bem. Mas a lição que eu aprendi, e a de sempre, foi que é preciso tomar cuidado quando estiver andando de bicicleta.

O TRÂNSITO

Maria Eduarda da Rosa

Ontem, enquanto eu voltava para casa e observava o movimento dos carros na rua, reparei em um caminhão passando. Naquele mesmo instante, todos os sinais daquele dia vieram. Eu tinha acabado de sair da escola, era uma sexta-feira, e eu e minha irmã, quatro anos mais velha que eu, decidimos parar na casa do melhor amigo dela, que ficava na rua de cima, pertinho de nossa casa.

Como era pertinho, e já era até bem tarde, resolvi ir a pé, sem carro, para conversar, e a gente chamar “Just Dance”. Na época, era uma febre. Pedimos para a nossa mãe, que estava trabalhando, e ela deixou. Havia uma praça perto de lá, e tivemos a ideia de andar de bicicleta.

Eu sempre fui a irmã mais nova; minha irmã mais velha tinha que me levar para todo lugar, sendo assim, ela não teve escolha. Fomos em quatro pessoas, e como só tinham duas bicicletas, tivemos que nos organizar. Minha irmã e sua amiga ficaram em uma, uma pedalando e a outra no guidão. A mesma coisa comigo e com um amigo em comum.

Andamos por um tempo, já estava começando a escurecer, quando avistei um caminhão saindo de um mercado próximo. Senti um sentimento estranho, como se fosse um aviso, mas ignorei. Ele veio em direção à bicicleta em que eu estava. Eu só não o vi virar, e fui

pega de surpresa. Ele sempre esperava na esquina, pois ele dava sinal que iria virar. Nessa hora, assim que ele foi virar, eu automaticamente fechei os olhos.

Acordei meio confusa, e enxerguei as engrenagens da parte de baixo do caminhão. Virei a cabeça levemente, e vi minha irmã chorando, vizinhos e bicicleta destruída. Não estava sentindo nada. Me preparei para levantar e perguntar o que tinha acontecido.

Ao tentar me levantar, senti uma dor absurda, a qual não sei explicar. Olhei para o meu pé: ele estava aberto, cheio de sangue. Gritei e os vizinhos me socorreram. Logo a ambulância chegou. Ligaram para minha mãe e nos encontramos no hospital. Eu estava tonta, nervosa quando minha mãe chegou. Não sabia nem dizer meu nome, a data de nascimento, nem nada, de tanto nervosismo. Apesar do susto, fui encaminhada para a sala de cirurgia e me recuperei.

Ainda hoje, sinto o impacto que isso causou em mim. Tenho cicatrizes derivadas, mas, ao mesmo tempo, sei que isso me deixou mais forte e posso encarar qualquer coisa.

NONA RANZINZA

Marina Tomazi

Hoje, passando na feira, vi um vaso de pimentinhas, as mesmas que Nona Lourdes tinha no seu jardim e cuidava como se fossem filhos. Lembrei-me de Nona Lourdes e de como a chamava quando criança: “Nona Ranzinza”. Nunca ria, nunca estava feliz, era sempre com cara séria e ranzinza. Parecia só se importar com o carreiro de pimentinhas vermelhas no jardim.

Lembro perfeitamente quando estava em sua casa. Adorava brincar naquele espaço grande, com cheiro de grama fresquinha, mas a Nona Ranzinza sempre estava junto comigo, parecendo um carrapato, vendo se eu não ia destruir suas pimentinhas. Eu não me afastava mais. Pensava que ela fazia aquilo por conta da idade, que já estava avançada. Porém, mesmo quando ela não estava comigo, eu não me atrevia a chegar perto do carreiro.

Certo dia, nós havíamos feito algumas coisas pela manhã. Apesar de ranzinza, Nona parecia gostar da minha companhia. Ela me ensinou a costurar as roupas do meu nono. Depois de me ajudar, eu fui brincar na grama novamente, enquanto ela fazia sua deliciosa polenta de almoço.

Enquanto brincava, encarei as pimentinhas. Nessa hora, não resisti: tive uma intensa dúvida, queria experimentar, tirar a prova de como era o sabor daquilo. Na hora em que coloquei uma na boca, comecei a gritar e saí correndo para a cozinha.

Nona Ranzinza, na intenção de me ajudar, colocou uma colher de polenta quente na minha boca, o que fez com que eu me queimasse ainda mais. Porém, foi isso que fez minha Nona cair na gargalhada. Nunca tinha visto ela rir tanto como naquele dia. Embora eu tivesse feito algo errado, pela primeira vez, não levei sermão.

Eu tinha feito a Nona Ranzinza rir. Isso era raro. Depois disso, sempre que eu queimava a boca por acidente, lembrava: nunca deveria ter desobedecido Nona Ranzinza.

A VELHA DA CASA ABANDONADA

Matheus Spilmam

Desde que nasci, moro em um condomínio que possui 3 blocos, o bloco A, B e C. Sempre gostei de brincar com meus vizinhos no pátio enorme que possui o condomínio, uma grama bem verde e muitas árvores e flores.

Meu amigo de infância, Marco, morava no bloco C, um apartamento abaixo de mim. Todas as tardes, nós saíamos para brincar e ficávamos até tarde da noite junto de outros amigos. No terreno vizinho do bloco A, havia uma velha casa de madeira quase caindo, a distância entre ela e os prédios era apenas uma grade de ferro enferrujada. Segundo minhas memórias, meu avô, que já faleceu, já disse que a última vez que alguém viveu naquela casa foi há pouco mais de três décadas.

O vovô me contava que aquela casa possuía uma história um tanto estranha; os últimos moradores eram um casal de idosos na beira dos 70 anos e não tinham uma boa relação dentro de casa. Meu avô morava na casa ao lado, que foi demolida para a construção do condomínio. Por morar a poucos metros de distância, ele me contava que sempre ouvia muitas discussões e gritos vindos da casa. Os idosos sempre estavam brigando e se odiavam, o motivo era porque o velho era narcisista e passava o dia no bar bebendo, quando chegava em casa,

batia na mulher. Certo dia, uma discussão acabou em tragédia, meu avô escutou uma briga na casa, como já era de costume, porém, ao ouvir a velha gritando de desespero, decidiu chamar a polícia. Quando os policiais chegaram no local, depararam-se com o corpo da idosa ao lado de sua cama, com facadas espalhadas pelo corpo. O suspeito do crime era seu marido, que confirmou tudo e foi preso.

Voltando ao condomínio, em um dia de muito sol, eu e Marco fomos brincar como já era de costume. Já eram 20h quando tivemos a ideia de brincar de esconde-esconde no bloco A. Aquela noite estava muito fria e mais escura que o normal, apesar disso, iniciamos a brincadeira. Era vez de um amigo, que não lembro o nome agora, ser quem procura. Marco e eu fomos nos esconder juntos, enquanto procurávamos o esconderijo, vimos a casa de que meu avô falava, na hora me arrepiei todo e quis contar a história pro Marco, mas ele não acreditou muito e disse que era “história pra boi dormir”.

Marco sugeriu que invadísemos a casa para nos esconder, falei que era invasão de propriedade e que não podíamos fazer aquilo, mas, no fundo, eu apenas estava com medo. Não queria mostrar que tinha medo, então, aceitei o desafio. Passamos para o terreno vizinho através de um buraco na grade, e então adentramos a residência, ela estava apodrecendo e os cupins faziam a festa. Na casa havia alguns móveis que foram deixados para trás, pois ninguém tinha coragem de entrar lá, onde se ouviam os gritos da idosa durante a madrugada, era o que meu avô contava.

Pelo chão da casa, encontramos uma fotografia do casal, e foi aí que acreditamos que a história era real. Escolhemos uma cama velha como esconderijo, ficamos lá por vários minutos, até que escutamos um choro que parecia ser de uma idosa, na hora, uma sensação ruim também veio à tona e fomos correndo para a porta da saída. Na porta, uma idosa de cabelos grisalhos agarrou o Marco e o arrastou para dentro de um cômodo, não tive coragem de ajudá-lo e saí da casa numa velocidade inacreditável. Até os dias de hoje me sinto um covarde.

Após três meses do acontecido, a casa foi finalmente demolida, meu amigo nunca mais apareceu. O caso ficou conhecido na cidade e o terreno da casa foi cercado por um muro. Eu nunca mais cheguei perto daquele lugar. Reza a lenda que ainda se pode ouvir os choros e gritos da idosa...

KILÓMETROS

Neyriana Alexandra Hernández

Me encontraba en el asiento del copiloto camino hacia la playa. Junto con mi familia, mientras observaba el bello paisaje, me venían maravillosos recuerdos de cuando hice mi primer viaje de larga distancia. Junto a mi abuelo, mi tía y mi pequeño hermano.

Cuando tenía 11 años descubrí algo que me apasionaba, más que los animales y mi sueño de ser veterinaria: Viajar en carro. Soy una de las pocas personas que les gusta pasar horas sentada en un carro, pero sentir la brisa acariciar mi rostro es maravilloso, ver mi cabello agitar con ella, descontroladamente, me deja deseosa por más de eso. Cuando vine a vivir a Brasil, no solo tuve oportunidad de conocer Brasil. También conocí mi país, el lugar donde nací, me crié y no conocía sus bellezas naturales, sus bellos paisajes. Tristemente no pude seguir conociendo más, pues Brasil me esperaba.

Mis últimos días en Puerto Ordaz, Venezuela, fue uno de los mejores, mi abuelo nos llevó a conocer una represa, no recuerdo muy bien su nombre, creo que se llama Macagua. Si alguien leer esto y tiene interés en ir a Venezuela, recomiendo no saltarse la parte de ir a verla.

En ese tiempo conocí a una abuelita que vivía sola con su hijo menor, sus otros tres hijos se habían ido hace años a Italia y tenían una

vida allá. Por lo cual no tenían tiempo suficiente para visitarla. A pesar de eso, era una señora alegre. A sus 80 años no aparentaba ser tan mayor, en la actualidad no sé nada de ella, pero la recuerdo con mucho cariño y aprecio.

Dos días después nuestro viaje continuó. Recuerdo ir hablando entre risa. Hasta que de la nada caímos en un hueco en el medio de la nada. Literal, estábamos en el medio de la nada, a nuestro alrededor había muchos pinos, mi abuelo conocía el lugar, parecía un bosque de esos que aparecen en películas de terror, ese día había llovido y el cielo aún se encontraba nublado, el Bosque de Uverito se prestaba para una película de terror. Recordarlo me da escalofríos, cuando caímos en el hueco fue un momento gracioso, de verla, fue muy gracioso mi cabeza pegó contra el techo y mi hermano que dormía, se despertó, fue tan gracioso que no pude pensar en el dolor.

Otro momento, fue ver el monte Roraima y de fondo un hermoso amanecer, pero eso solo significaba una cosa, que ya estaba cerca de mi destino. Algo nuevo me esperaba, nuevas aventuras, no cambiaría esos momentos por nada, son muy valiosos para mí. Estar en lo carro con mi familia, entre risas y buena música es mi mayor tesoro. Siempre tendrá una gran parte de mi corazón. Si hay carros, familia, risas y música, ahí me encontrarán.

MINHA ORELHA QUEBRADA

Vinicius Augusto Dalla Valle Torres

Outro dia, estava voltando de um jogo que fui jogar no final de semana, para o qual também foram meus pais, minha namorada e uma amiga. Foi um jogo muito bom, estava um dia ensolarado, bem calor, estava um clima certo para jogar, ganhamos o jogo.

No meio do jogo, eu recebi uma bola de cabeça e pulei para cabecear; como a bola acabou batendo na minha orelha, doeu bastante. Na volta para casa, reclamei de dor e, com isso, lembrei de uma memória, algo que guardei comigo há muitos anos.

A minha memória foi ruim, mas ao mesmo tempo engraçada. Eu estava na escola, em um dia normal de aula como os outros dias, e em uma certa aula, que eu não lembro muito bem qual era, a professora tinha passado uma atividade que a gente teria que terminar naquela aula mesmo e, então, como todo mundo, eu fui fazer minha atividade. Quando a professora estava perto de corrigir minha atividade, eu deixei minha borracha cair no chão, e quando eu fui me abaixar para pegar, a professora estava corrigindo a atividade do colega do meu lado, nisso que eu me abaixei, ela foi com a bunda dela para trás e bateu na minha cabeça e eu fui com tudo para o lado. Bati minha orelha na quina da mesa. Foi uma das piores dores que eu já senti na vida, fiquei o resto

da aula com dor na orelha e chorando bastante, porque realmente doeu muito. Eu tenho cicatriz na orelha até hoje, porque quebrou a cartilagem da minha orelha, então, sempre que algo bate nela ou eu machuco, vem uma memória à cabeça.

E eu acho que a reflexão dessa história é tentar sempre não ficar muito perto de uma professora que tem bunda um pouco grande, para não acabar tomando uma bundada na cabeça que nem eu. Então acho que é isso mesmo, essa foi minha memória.

A VÓ ROSA

Vinicius Luan Kuhn

Hoje tivemos na aula de leitura uma atividade prática em que tínhamos que lembrar das nossas memórias mais importantes. Nisso, fechei meus olhos e pensei, pensei e pensei, até que eu lembrei do cheirinho da laranja que vó cortava para mim quando eu era criança. Logo o sinal tocou para irmos para casa, no caminho, os reflexos do sol batiam em meus olhos e automaticamente surgiam as lembranças com minha querida vó, minha vó Rosa, lembranças que ocupam minha mente.

Quando eu era criança, ficava na casa da minha vó a semana toda, era como um juramento sagrado, nos dias de sol, nos dias de chuva, dias nublados. Minha querida vó, minha vó Rosa, fazia meus dias melhores. Cuidava dos meus joelhos ralados, passávamos o dia inteiro com risadas e conversas, além dos seus bolinhos e das suas bolachas que, é claro, deixavam tudo ainda mais especial. Mas o que me deixava mais feliz nas nossas tardes era a tampinha da laranja que ela cortava nos finais da tarde, o cheirinho e o suco da laranja alegravam meu dia.

Logo que cheguei em casa, todas aquelas lembranças me fizeram chorar, felicidade e tristeza misturadas foi o que senti naquele momento, isso fez eu me emocionar. Percebi que aquelas eram minhas memórias, memórias que se tornam extremamente importantes e especiais

para mim. Logo que minha mãe chegou de seu trabalho, conversamos, era um dia chuvoso, marcamos de ir visitar minha vó, na nossa antiga cidade. No final de semana, arrumamos tudo e fomos até a casa de minha vó. Chegando lá, fomos recebidos por ela, minha vó cumprimentou minha mãe com um sorriso no rosto, mas, quando chegou minha vez, ela acabou não me reconhecendo, acabamos passando o dia todo juntos, contei minhas memórias a ela, minha vó abriu um sorriso e me abraçou forte. Assim, tenho comigo mais uma lembrança da minha querida vó, minha vó Rosa.

TEXTOS DE MEMÓRIAS – PARTE II
PRODUÇÕES DE ACADÊMICOS DO CURSO DE
LETRAS UFFS 2025

TERRA MOLHADA

Amanda Andradina Pinto

Em uma manhã de sábado, à minha frente estavam muitas caixas espalhadas pelo chão: roupas, objetos para guardar. Preciso organizar toda a mudança até 17h30min, esse era o combinado com o dono da casa. Lá fora, o sol brilhava radiante, mas aqui dentro o cansaço já me alcançava.

Foram cinco anos morando nesta casa velhinha, cinza e acolhedora. Sentirei saudades, mas meu coração se enche de expectativas para o novo lar.

— Nossa, como dá trabalho organizar todas essas roupas, livros e papéis... — murmurei, enquanto abria o armário e começava a separar as coisas.

De repente, um cheiro familiar tomou conta do ambiente. Por um instante, parei. Algo mudou naquele momento. Olhei pela janela e vi a chuva cair, refrescando o dia quente. A nostalgia me envolveu. O cheiro de terra molhada que subia ao cair a chuva veio como um retrato guardado no meu coração, veio à minha memória eu e meus irmãos correndo pelo quintal da nossa antiga casa, rindo alto, de pés descalços, roupas encharcadas. E o cheiro de terra molhada subia forte e doce pelo

ar. Ríamos alto como se o mundo fosse aquele instante. Cada gota de chuva parecia carregar uma paz profunda.

E até hoje, quando sinto esse perfume da terra molhada, volto àquela tarde em que eu e meus irmãos dançávamos de mãos dadas sob a chuva.

Fechei os olhos por alguns segundos e sorri. Percebi que a vida é feita de mudanças, mas também de raízes invisíveis que nos acompanham. A cada cheiro de terra molhada, sei que não importa para onde eu vá, levarei comigo o lar que nunca deixará de existir dentro de mim.

UMA MEMÓRIA JAMAIS RETORNADA

Andressa Heillen Borges da Assumpção

Era um dia qualquer, de clima ameno, quando minha mãe veio me visitar. Ela não estava muito bem e, para distraí-la, fomos para o meu quarto conversar. No meio da conversa, tive a ideia de lhe mostrar algumas coisas que havia guardado de meu avô já falecido.

Não eram muitas lembranças, mas cada uma carregava um pedaço de sua presença. Havia, por exemplo, um colete que ele sempre usava nos dias de inverno. No entanto, entre todos os objetos, um tinha um peso especial: uma fita. Essa fita guardava em si não apenas saudade, mas também memórias dolorosas, de tempos difíceis. Meu avô a utilizava quando estava muito doente, para proteger a hérnia que o fazia sofrer e limitava seus movimentos.

Aquela fita, simples em aparência, tinha o poder de transportar minha mãe a um tempo que jamais retornaria. Ao vê-la, também me lembrei do carinho que nutria pelo meu avô. Ele precisava de cuidados constantes — alimentava-se por sonda, já não podia caminhar sozinho, nem ir ao banheiro. Nossa família era grande, e todos se revezavam em escalas. Eu era uma das poucas netas que ficava com ele durante a noite. Cuidava dele com amor imenso e, apesar do cansaço, fazia isso com prazer, porque estar ao seu lado era também uma forma de gratidão.

A fita me levou de volta a um tempo duro, mas precioso. Revivi, em minha memória, o som de sua risada e as tardes em que ele me contava histórias de sua juventude. E nós ríamos juntos. Ah, se eu pudesse voltar àquele tempo! Embora já tivessem passado três anos desde sua partida, aquela fita tinha o poder de me transportar, de devolver lembranças que eu acreditava ter perdido para sempre.

No fim dessa viagem pelas lembranças, eu e minha mãe choramos. Era a saudade nos tomando por inteiro — saudade de um tempo que sabíamos que nunca mais voltaria. Ainda assim, agradei àquela fita por me oferecer o presente mais bonito: a chance de reviver uma lembrança eterna.

O SABOR DA MEMÓRIA

Bruna da Silva Ribeiro

Hoje a casa cheira a café recém-passado,
O sol entra suave, iluminando o ambiente
Sento-me na sala, observo o silêncio,
E penso, por um breve instante, que você ainda está aqui.

O forno solta um doce aroma
Como se convidasse a memória a despertar.
Fecho os olhos e volto no tempo
Para aquele domingo quente, mas cheio de alento

Cantarolava baixinho, com os olhos fechados,
Como quem conversa com lembranças guardadas
Eu, criança, não entendia muito bem a canção,
Mas sentia o aconchego em cada palavra e cada refrão.

Sentada ao lado dela, aprendia sem perceber
Que a felicidade está nos gestos que o tempo abraça,
Na música que ecoa, no cheiro que volta

Entre presente e passado, guardo essas lembranças,
Como se fossem músicas que nunca vão cessar,
E em cada gesto simples, em cada instante guardado,
Aprendo que a memória é o que mantém o presente vivo.

ENTRE AREIA E MEMÓRIA

Bruna Moro

Hoje pela tarde, arrumando um quarto de bagunça em minha casa, à procura de uma mala para uma curta viagem, encontrei algo inesperado: minha mala favorita, já velha, descascada e cheia de poeira. Para viajar ela já não tinha mais serventia, peguei o saco de lixo e, colocando-a dentro, um papel caiu, era uma foto da minha primeira viagem para a praia tirada em uma daquelas cabines de foto em que você paga e revela na hora. Meu coração se encheu de alegria, abri um sorriso tão grande, como se estivesse vivendo tudo aquilo novamente.

Recordo-me, como se fosse hoje, da primeira vez que vi o mar. Eu tinha por volta dos quinze anos, era início de fevereiro, bem no finalzinho das férias escolares. As aulas estavam prestes a começar quando surgiu, de repente, uma oportunidade inesperada, uma viagem com minha mãe.

Ela fazia parte de um clube de mães, e o grupo já tinha organizado essa excursão para a praia havia muito tempo. Todos os lugares no ônibus estavam ocupados, mas, por acaso, algumas pessoas desistiram em cima da hora e os lugares precisavam ser preenchidos. Foi aí que minha mãe me convidou, e eu não pensei duas vezes. Nunca tinha visto o mar, e a ideia de realizar esse sonho me deixou em êxtase.

Lembro-me da emoção dos preparativos. Procurar roupas de banho foi uma aventura em si, nunca havia comprado uma. Eu não fazia ideia do que levar na viagem, do que iria encontrar lá. Arrumar a mala parecia uma cerimônia, cada peça de roupa guardada carregava a ansiedade dos dias que eu passava olhando o relógio, desejando que o tempo passasse mais depressa.

Quando o grande dia chegou, acordei cedo mesmo sabendo que o ônibus só sairia à tarde, não conseguia dormir com tanta ansiedade.

Foram longas horas de estrada, recordo o balanço do ônibus, as náuseas que não permitiam cochilar, as risadas dos passageiros e a música que eu escutava em meu fone na tentativa de fazer as horas passarem mais rapidamente.

Chegamos de madrugada, o sol não havia nascido. E, sem perder tempo, descemos do ônibus e seguimos pela rua principal em direção à praia.

Aos poucos um barulho diferente que crescia a cada quadra invadia meus ouvidos, era o anúncio do que estava por vir. De repente, vi ao longe uma imensidão azulada que se confundia com céu. O coração acelerou.

Finalmente pisei na areia, tirei os chinelos, respirei fundo. O ar tinha outro cheiro, era refrescante e salgado. Incrível. Nunca havia sentido nada igual antes.

Minha mãe, ao meu lado, observava-me em silêncio, permitindo que eu aproveitasse cada instante até o fim, molhei os pés. A água era gelada, mas irresistível. As ondas vinham, cobriam meus tornozelos e recuavam mansas, eu ria encantada. Tudo era grandioso, as ondas, os barcos ao longe; um em especial me marcou, preto e imponente, lembrava um navio pirata.

Voltando em direção à hospedagem, descrevia tudo para minha mãe como se ela não tivesse vivenciado aquilo comigo. Eu falava sem parar e ela pacientemente escutava com atenção mesmo já não havendo novidade para ela. Foram dias inesquecíveis naquele lugar.

Trazer essa memória para o presente é de certo modo revivê-la. E, ao narrar, encontro eco nas reflexões de Machado de Assis, em “O Espelho”, quando o autor fala das duas almas que habitam cada pessoa: a exterior, que depende do olhar alheio, e a interior, que se revela na intimidade. Minha ida à praia foi justamente isso, um espelho que refletia tanto a alegria visível da adolescente fascinada quanto a alma interior que, mais tarde, guardou a lembrança como tesouro. A memória, assim como o espelho machadiano, não apenas reflete, mas recria o vivido.

AVÔ

Diane Brandão Munerol

Estava dirigindo pela cidade. Para quem vive no interior, ir ao “centro” é quase um evento, muito bem planejado, a gente aproveita para resolver tudo de uma vez.

Caxambu do Sul, cidade pequena, aparência renovada, tem seu charme. Alguns prédios surgiram onde antes havia casas antigas, o asfalto, embora não perfeito, até estava livre de buracos. A rua “coberta” dava um ar de modernidade. Então pensei em como o tempo passa, as cidades envelhecem e se renovam, assim como as pessoas com seus procedimentos estéticos

Estacionei diante do mercado, saí do carro, entrei e peguei uma cesta, caminhei pelos poucos corredores, escolhi o que queria, um chocolate para as recaídas, um energético para o cansaço e bananas para os coelhos da minha irmã.

Passei pelo caixa, peguei as sacolas e fui até o carro, guardei as sacolas no carro e logo veio a irritação, nunca sabem distribuir os alimentos de modo certo, estava tudo misturado, o energético com o chocolate, que já estava quebrado. Suspirei fundo, eu só queria voltar para casa.

Saí do centro, os cinco quilômetros até em casa sempre parecem mais longos do que realmente são, talvez porque a minha mente insiste em preencher o caminho com pensamentos soltos. Antes de chegar à estrada de chão, há uma esquina marcada pela capela mortuária, e logo abaixo o cemitério, com uma enorme cruz cercada por velas no centro.

As janelas do carro estavam abertas, o rádio desligado, e de repente um perfume inesperado invadiu o ar. Um cheiro conhecido, virei a cabeça instintivamente para a capela, havia um velório, as velas queimando, aquele cheiro, os poucos carros parados, o céu nublado, o ambiente da morte. E, então, aquele cheiro novamente invadiu as minhas narinas e trouxe de volta tudo aquilo que eu jurava ter esquecido com o tempo.

Vi novamente aquele senhor de idade, noventa e poucos anos, de estatura alta, pernas finas, barriga projetada para a frente, mãos grossas que repousavam cruzadas, segurando um terço. O rosto alvo parecia descansar num silêncio que não se romperia mais. O caixão, ornamentado por coroas de flores, exalava aquele aroma que mistura saudade e despedida.

Ao redor, o choro, eu, sentada, buscava refúgio em mim mesma, os olhos verdes já marejados o rosto vermelho e inchado se escondia sob os cabelos soltos, como se cada fio fosse um escudo contra cada olhar alheio. Olhei para baixo, o chão com suas lajotas cinzas, parecia o concreto frio que sela o túmulo.

Olhei para as minhas mãos, eram iguais às dele, imóveis e rígidas. Olhei para o teto, tão alto, que não via as teias de aranha, mas elas estavam lá, como lembranças escondidas nos cantos da memória.

Um choro mais forte cortou o silêncio, levantei os olhos, alguém vinha em minha direção, me abraçou, nossas dores se misturavam, choramos. De repente o som do choro foi se dissolvendo, o presente voltou a me chamar.

A VIDA ENQUANTO LEITOR DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Gabriel César Moura da Silva

– Ela é! E torna-se muito mais quando vivida permeada por histórias de jagunço, função e aventura de tempos que não seriam nossos sem elas. Ao leitor que inicia o texto sem saber que palavras o esperam, encontra-se diante de um portão aparentemente intransponível para a dimensão da imaginação. Lhes digo: não é nem nunca foi! São traços do tempo e do espaço conhecido em miudezas por quem as escreveu, pincelados uma segunda vez com cores universais a todos que as rabiscam com olhos abertos. Sei que a princípio não aparenta assim; dei com a cara neste mesmo portão. A diferença é que, assim como todas e todos chegados desta viagem, percebi que o portão possui uma tranca para o qual a chave sempre esteve no meu bolso.

Ao atravessar o portão me vi diante de uma estradinha demasiado acidentada em terra batida. Desajeitado, ia tropeçando em palavras no chão, todas desconhecidas. Pegava-as na mão e perguntava-lhes o que queriam dizer, mas não me devolveram respostas. Desde então passei a pesquisar sobre elas para enfim perceber que ao meu redor havia outras tantas; nas árvores, no mato, nos mistérios e nas superstições

daquelas pessoas; em seus diálogos e principalmente no amor de Riobaldo por Diadorim. Neste lugar comum a todos que evocam o verbo necessário para defini-lo, inconscientemente, o manifestam na enunciação transcendendo a lógica prescritiva da norma mesmo partindo de dentro dela. É assim que se lê o amor de Riobaldo, único a tratar do tema nas mais de quatrocentas e trinta páginas do romance. Quando compreendi me dei conta de que é assim que o lemos em tudo o mais. Até mesmo no pleque-pleque das alpercatas. Não se enganem, não cheguei a isso de imediato, apenas depois de anotar e pesquisar boas dezenas de arcaísmos, neologismos e expressões idiomáticas de um regionalismo distante, foi que finalmente comecei a entender e reconhecer. Parte deles não precisei compreender, eram mais um reencontro de palavras usadas por minha avó e minha mãe enquanto eu crescia.

Apesar dos passados seis meses intercalando sessões de leitura e longos hiatos, jamais perdi o fio da meada. Mesmo que precisasse retroceder um par de laudas de onde havia estagnado na última vez, acabava me encontrando sempre, ainda que as recapitulações custassem. Para facilitar o processo de rememoração sem profanar o papel com minhas marcas tremidas de grafite 0.7, comprei um bloquinho de notas e passei a escrever os últimos acontecimentos narrativos em perspectiva geral para que, da próxima vez que abrisse o livro, não passasse tanto tempo revisitando seus eventos.

Quem fala de eventos fala de surpresas. Jamais esperei aquele famigerado encontro entre um jagunço desaprendido e um professor aspirante a jagunço de muito boa pontaria. Esta parte li com máximo de admiração que possuo, pois tal momento é mais que um encontro esmerado na vasta memória do narrador, é a alegoria fundamental da história; a coexistência do conhecimento institucionalizado e do conhecimento popular.

Daí em diante, realizei não somente o simbólico representado pelos personagens, mas que também alguns dos nomes possuem grande valor demonstrativo de suas essências. O Hermógenes que debate

com Crátilo sobre a coisa possuir vínculo intrínseco com seu nome defende a arbitrariedade do vínculo. Aquilo que é arbitrário é imposto. O imposto é posto pela força, que pode tanto ser boa ou má. Assim, o Hermógenes traidor, o Judas, manifesta-se como a imposição de uma força maior preferencialmente maligna. Em Riobaldo, o radical rio tem valor semiótico profundo à metáfora de Heráclito de Éfeso: ninguém se banha mais de uma vez nas águas de um rio. A essência se mantém; o rio sempre será rio, suas águas, não. A prosa de Riobaldo flui quase interminável, livre de qualquer amarra e imposição, a antítese perfeita à personificação arbitrária de Hermógenes. Ao espelhar o rio de Heráclito, Riobaldo também percorre e manifesta isso em seu falar correnteza. Em fluxo. Sem igual e irrepetível.

Ah, e quando cheguei ao momento do pacto? Recordei-me do dilema sobre a traição ou não traição de Capitu: traiu ou não traiu?... Fez pacto ou não fez?... O Diabo existe ou não?... Riobaldo arremata a questão, sublime e derradeiro:

— [...] existe é dentro do homem — ou é o homem mesmo.

O sertão? Este, região exclusiva do território brasileiro, de palavra intraduzível a outras línguas sem recursos neológicos, é o palco dos embates relatados aqui e de tantos outros, elipsados pela minha vaga memória incapaz de recuperar a todos. Se há um que não se escapa do rumo de minha sinapses, aquele que se incrustou reluzente, é a despedida de Riobaldo ao corpo inanimado de Diadorim:

— Meu amor!

É tudo! Um desoladamente sem tamanho que não se sabe como coube nessas duas palavras. Eu estive lá com todos, assistindo ao momento de triunfo lúgubre. Fernando Sabino, em carta a Clarice Lispector, avisa: “É uma obra assim-assim”. E é mesmo. Inesquecível em algumas tantas coisas. As que guardei retrouxe até este exato presente momentâneo em que as escrevo. Por fim, reitero minha reflexão partindo do título: é grande porque é mundo; é sertão porque é todas as partes de todos os lugares concentradas nos “gerais”; é veredas por ser

caminho. Tantos e tantos deles. Espero que minhas palavras encontrem as suas, leitor, para que saibas o que sempre soubesses sobre as vidas que vivemos em calhamaços de páginas nas mãos.

A FOGUEIRA

Gian Marcos de Souza

Moro numa casa em que todos têm muito orgulho de suas raízes gauchescas e, como gaúchos, somos adeptos de um bom churrasco, mas não qualquer churrasco. Gostamos do “evento churrasco”, que vai desde a produção dos espetos e grelhas até a seleção de lenhas para o fogo.

Certo dia, enquanto meu irmão mais velho soldava a velha grelha guerreira, companheira que está na família desde antes de mim e fiel de muitos assados, acontecia também a tradicional conversa de divisão de tarefas, parte do evento que é bem regada de conversas acaloradas e argumentações questionáveis, tendo ficado decidido que a mim caberia a tarefa de recolher a lenha para o fogo – algo que detesto. Enquanto caminhava em direção ao mato, trabalhava minha raiva e frustração na seleção de toras e galhos, quando de repente me recordo de um acontecimento da minha adolescência.

Não me recordo ao certo o ano, mas lembro que era inverno, destes de renguear cusco, e estava com alguns amigos no sítio da minha família, que tínhamos na velha Uruguaiana. Havíamos nos reunido para aproveitar o final de semana ouvindo música alta e “tomar alguma coisinha”. Para podermos suportar o frio da madrugada, decidimos que faríamos uma fogueira e fomos até o bolicho que vendia lenha para nos

prepararmos e compramos um saco de lenha. Quando a madrugada chegou e resolvemos iniciar a fogueira, nos surpreendemos com o material que nos foi vendido: o gaudério que nos vendeu o saco de lenha simplesmente não comentou que a lenha estava molhada.

Então iniciamos uma batalha contra as leis da natureza, e passamos mais de hora tentando acender aquelas lenhas molhadas, e em todos estes momentos, estávamos “tomando alguma coisinha”. Por fim, percebemos que seria impossível iniciar uma fogueira com aquelas lenhas.

Contudo, não desistiríamos da fogueira. E já muito influenciados pelo álcool e o frio, as ideias já não respeitavam a devida sensatez. Foi nesse momento que tive uma ideia, que chamei de “crime perfeito”. Comentei com o restante do grupo que sabia onde havia lenha seca, mas havia um problema: a lenha se encontrava no sítio ao lado, ou seja, era do vizinho, seria necessário que pegássemos às escondidas. Eles, também alcoolizados, toparam na hora. E assim começou a operação do “resgate da lenha”.

Caminhamos silenciosamente – assim pensávamos –, em direção ao buraco que havia na cerca e passamos um a um, enquanto uma amiga mantinha a cerca mais afastada. Após vários risos suprimidos e cochichos, começamos a passar as lenhas para o nosso sítio. Tínhamos certeza da impunidade, afinal, era o crime perfeito e bastava somente remendar a cerca novamente.

Agora o objetivo era levar as lenhas até o local onde faríamos a fogueira, acontece que estávamos muito bem influenciados pelo álcool e eufóricos pela realização da “missão” e nem percebemos que acabamos deixando uma trilha de toras e galhos ao longo do terreno do nosso sítio e esta trilha ia diretamente do buraco na cerca até o local da fogueira, a qual acendemos sem dificuldades. Aproveitamos a madrugada bem como havíamos planejado, muita música alta e tomando mais “algumas coisinhas”.

Na manhã seguinte, acordei com a voz de uma mulher falando alto, era a vizinha, estava reclamando para meus pais do que havia

acontecido, todos estavam acordados já a este ponto e se olhando com aquela cara que diz: “deu ruim”. Logo em seguida, entrou meu pai no quarto, furioso; nos passou umas palavras de “orientação” e nos mandou recolher as lenhas que sobraram para devolver junto de um pedido de desculpas. Meus pais acabaram pagando o prejuízo do vizinho, enquanto nós sentimos a maior vergonha de nossas vidas.

Hoje relembro esta história com humor, afinal, éramos jovens – com licença poética para errar –, mas também não me esqueço das semanas de castigo e da imensa vergonha ao ter de me desculpar. Relembrar este momento foi um alívio, enquanto recolhia as lenhas para o churrasco; algo que nunca gostei de fazer, fiz sorrindo.

RELÂMPAGO DE MEMÓRIA E SAUDADE

Isabela Machado Recktenvald

Ao tentar suscitar memórias voluntárias para escrever a crônica, não se pode ter uma experiência de fato. Tento, incansavelmente, lembrar-me de algo que valha a pena escrever, mas tal coisa se perde em meio a tanto e me vejo sem nada. Começo a escrever, numa tentativa risível de que algo simplesmente genial surja. Mas já é a quarta linha nesse papel e até agora nada. Nenhuma memória. Levanto a cabeça e respiro fundo. Não, isso não. Não queria escrever sobre isso, é muito bobo. Tudo bem. Pensei em algo.

Bem, comecemos com uma referência a um belíssimo trecho de Úrsula — o primeiro — para dar um quê literário à singela memória.

São feios e estreitos os nossos trânsitos. Os vastos e belos campos estavam bem longe daquele cenário urbano que eu observava, meio sem pensar. Entre os pontos de paradas, de forma automática, eu tentava organizar as atividades da semana, as leituras, o trabalho. Meus olhos desfocados pelos pensamentos são, de repente e sem querer, atraídos à tela do celular de um estranho que estava sentado à minha frente. Eu não pude evitar. De pé, no meio do corredor, não me sobraram muitas opções para repousar os olhos.

O rapaz digitava, com um sorriso discreto, uma mensagem carinhosa cheia de corações. Aquelas mensagens, sem querer, pareceram relampejar no meu peito e me transportaram, por alguns segundos, a um outro ônibus, outra rota, outros tempos, outras mensagens.

Lembrei-me de uma época em que minhas eram as mensagens recheadas de corações. Época de intermináveis conversas às seis da tarde nos trajetos de ônibus para a faculdade. De uma pessoa, cujas mensagens mudaram de uns tempos para cá. E o rapaz continuava a digitar – “saudade”.

A palavra perfurou meu coração. Saudade.

É, saudade. Daquele tempo, daquelas cores, daquela pessoa, daquelas dores e daquele tipo de mensagem boba, fofa e despreocupada no ônibus. Daquela época em que a saudade era atenuada com uma mensagem recheada de corações.

Respiro fundo e tento desgrudar os olhos, levemente embaçados pela água ardente, do telefone alheio. O rapaz desligou a tela e se levantou para sair. Educadamente, ofereceu o seu assento e foi embora.

O relâmpago e as memórias efervescentes e borbulhantes, porém, continuaram em mim, me atormentando pelos feios e estreitos trânsitos até que outros pensamentos – os automáticos e rotineiros – voltassem a me anestesiarem.

A COISA DO PORÃO

Jamile Lorenzzi Vieira

Chegamos na frente da casa. Agora eram só tábuas gastas e pregos enferrujados. Restos de madeira escurecidos pelo sol e pela chuva. As paredes de madeira, já gastas e carcomidas, parecem me reconhecer. Cada lasca, cada rachadura guarda uma história que um dia vivi e, ao encostar a mão nelas, sinto a infância pulsar novamente, como se estivesse apenas escondida sob a poeira dos anos. A casa envelheceu, como eu. Mas ao caminhar por ela, percebo que não é só madeira: é um corpo vivo, feito de vozes, passos, risadas e silêncios que nunca se foram. Talvez seja por isso que, mesmo velha, nunca me parece vazia.

Fechei os olhos e pude ouvir novamente o rangido dos degraus e a voz de minha avó me chamando para o jantar. Lembro-me como se fosse ontem do dia em que inventei coragem para descer ao velho porão da casa. Era uma daquelas casas enormes, de madeira, que estalava à noite, cheia de segredos guardados nos cantos empoeirados. Na lateral, uma porta discreta se abria para os degraus que levavam ao porão.

Eu, menina curiosa, estava disposta a encontrar meus patins, que haviam desaparecido havia meses. Desci com um lampião, porque as lâmpadas nunca funcionavam lá embaixo. O coração batia apressado,

e cada degrau rangia como se quisesse me expulsar dali. No último degrau, o rangido foi mais alto e parei. Foi quando vi... A Coisa!

Aquela sombra enorme, olhos que brilhavam como vidro e uma luz estranha saindo do seu corpo. O pavor tomou conta de mim. Corri escada acima, gritando por socorro.

Naquela época, todos da família correram atrás de mim, curiosos e assustados. Até o tio Rudi, tenente corajoso do Exército, que se dizia valente, desceu e voltou correndo, jurando ter visto uma criatura de boca em chamas. Só a minha avó manteve a calma. Ela dizia com a firmeza que só os avós têm:

— Fantasmas não existem, menina!

Foi ela quem resolveu abrir as janelas e enfrentar o mistério. E, quando a luz do sol refletiu no porão, lá estava a coisa: um velho espelho coberto por um lençol caído, refletindo cada um de nós de forma distorcida no escuro.

Hoje, adulta, sorrio ao lembrar. O que parecia um monstro terrível era apenas o reflexo do meu próprio medo. Minha avó me ensinou naquele dia que, muitas vezes, o que mais assusta é o que está dentro de nós mesmos, e um simples feixe de luz pode revelar a verdade.

UMA VOLTA AO PASSADO

Janine Maciel Guilherme

“Nunca volte a um lugar onde foi feliz”. O velho ditado, de origem incerta, insistia em ecoar na minha mente enquanto eu organizava as malas para regressar ao cenário de algumas das minhas recordações mais luminosas — memórias que guardo como as mais felizes dos últimos anos. Sentada à beira da cama, afastei a mala e me deixei levar por lembranças que me conduziam de volta ao passado, ao espaço onde um dia experimentei a felicidade.

Poucos meses antes do mundo silenciar, às vésperas de completar quarenta anos, percebi a urgência de revisitar minha própria existência — escolhas, sonhos, desejos. Um ciclo importante estava prestes a se encerrar, marcando uma virada em minha história; ainda assim, dentro de mim, a alma permanecia inquieta, ardendo em perguntas que pareciam exigir respostas imediatas.

Decidi, então, lançar-me numa viagem solitária, elegendo uma cidade ainda estranha aos meus olhos, na esperança de encontrar-me comigo mesma. No entanto, a solidude que eu imaginava não teve espaço. Ao mergulhar no turbilhão daquele lugar pulsante, descobri que era possível reinventar a imagem que eu via refletida no espelho. Permiti que a sede guardada em minha alma — tão oculta, tão silenciosa

— emergisse à superfície com tamanha força que me deixou inebriada pela própria intensidade do viver.

Ao término daqueles breves dias, encontrei-me renascida — feliz, arrebatada pela mulher inédita que emergira das profundezas do meu ser. Já não estava soterrada pelo fardo das escolhas passadas; ao contrário, sentia-me leve, despojada das amarras que antes me aprisionavam.

Sim, estou regressando ao lugar onde um dia fui feliz, ainda que saiba que a cidade já não será a mesma guardada em minha memória, pois o tempo tudo modifica. E, assim como ela, também eu me transformei. Quem ali chegará amanhã não leva mais a dor escondida na mala, mas as certezas de uma mulher inteira — segura, madura e senhora de si.

MISSA DEFUNCTORUM

Kauê Sogari

Aluguei uma casa no Morro do Quilombo, em Florianópolis, por uma razão que ainda hoje não consigo explicar direito. Dizia que era pelo preço, pela luz, pelo silêncio. Mentiras. Era porque aquela não era qualquer casa, aliás, não era UMA casa, era A casa.

Aquela casa já me era familiar desde a infância. Quando eu tinha cerca de 7 anos, a casa estava abandonada e, dentro do salão aberto do segundo piso, havia um balanço de corda virado pra varanda que dava vista para a mata fechada e, nele, eu costumava me sentar por horas depois da aula. Veja bem, o salão aberto já não mais é, pois a construção foi dividida ao meio, criando quatro pequenas casinhas, duas em cima e duas embaixo, e a varanda, a varanda do balanço (do meu balanço), agora fazia parte do meu quarto.

Por vezes, sentia que estava mesmo visitando o passado, mas não era só isso. Eu morava dentro dele.

As primeiras semanas foram conturbadas, como é de se imaginar. Ajustava móveis, cozinhas, tentava entender a dinâmica de vida da nova vizinha *hippie* que vendia bottons e cachaça artesanal na frente da rodoviária e, o mais importante, eu olhava o quintal pela varanda. E lá estava ele, todos os dias, me encarando: o portãozinho de metal

que demarcava o fim do terreno e o início do carreirinho. Aquele risco escuro que cortava a mata, levando até a clareira onde eu, um menino quieto e sozinho, era rei de um reino de copos-de-leite, exúvias de cigarra e segredos.

Numa tarde, o tédio e o ócio foram mais fortes que a razão. Abri o portãozinho, que rangeu com um som de ossos velhos, e entrei no corredor verde do carreirinho. Foi como colocar algodões nos ouvidos e silenciar o mundo. O ar mudou instantaneamente, ficou mais pesado, mais doce, mais frio. O barulho dos carros sumiu. Só restava o som das folhas das árvores ao vento e lá no fundo, gritos agudos de saguis. Caminhei, e meus pés encontraram os mesmos lugares para pisar que encontravam minhas pernas de criança: as pedras lisas, os degraus de raízes, os riachinhos infestados de girinos. Não estava relembrando. Estava repetindo um ritual.

E então, no meio do caminho, um talismã: pendurada no galho de um ingá, estava uma casca perfeita de cigarra, sua carapaça transparente ainda úmida da metamorfose. Era como se tivesse acabado de eclodir. Parecia a mesma que pendurei como medalha na minha camiseta em 2002. Meu coração parou. Não era mais só nostalgia. Era outra coisa. O passado não era mais só uma memória. Era um lugar vivo, e eu tinha acabado de adentrar suas vísceras.

Nesse momento, eu sabia: se eu chegasse até a clareira final, eu não estaria sozinho. Apressei o passo, tropecei em raízes que antigamente conhecia de olhos fechados, cortei as pernas nos arbustos com espinhos e folhas afiadas, até que a luz do sol rasgou a copa das árvores e a clareira se abriu.

E lá, bem no meio da clareira, sentado do lado do riachinho, cercado por flores, estava eu.

Não era uma sombra, não era um fantasma, nem um eco do passado. Era de carne e osso, com joelhos raspados e o rosto queimado de sol, concentrado. Com um graveto, traçava linhas na terra, desenhando um rosto que eu reconheci na hora, não por eu ter sido um

grande artista na infância, longe disso, mas pela sensação que tive: era um rosto sorridente, meu rosto, antes do mundo mostrar quão afiados são os dentes da vida.

Não queria que aquele momento acabasse, portanto, me escondi atrás de uma árvore e ali fiquei, imóvel. Me tornei apenas um par de olhos. E dali peguei de volta o que era meu: aquela cena. Aquele momento.

Vi a língua entre os lábios na concentração, a testa franzida, a maneira como eu balançava levemente o corpo para frente e para trás

E, então, veio a memória. Uma sensação física. Eu podia sentir a textura do graveto, o cheiro de terra molhada e do mato amassado sob os pés. O gosto de liberdade absoluta. Perdi a noção do tempo, do espaço perdi a noção. Deixei escapar um suspiro e o som foi uma explosão naquele silêncio sagrado.

Minha cabeça se ergueu no susto. Meus olhos, grandes e brilhantes feito faróis, percorreram a linha das árvores e conseguiram encontrar os meus. Mas não me reconheci. Não fiquei curioso. Houve apenas terror. O terror de um animal que vê um predador desconhecido, uma sombra espreitando sua toca.

Meu queixo tremeu, o graveto caiu da mão, os olhos se desmancharam em lágrimas, a cara de concentração foi trocada por um pavor que me atravessou como uma lâmina afiada.

Antes que eu conseguisse falar alguma coisa, antes que meu cérebro adulto pudesse formular um “espera” ou “não precisa ter medo”, eu me ergui, e corri mata adentro.

Foi uma fuga desesperada, de quem acredita que sua vida está em jogo. Os pés pequenos afundavam no barro, e o som que vinha de mim era um ganido de ar sendo forçado para fora dos pulmões.

Em segundos, desapareci na trilha, e o único vestígio de que estive lá era o desenho inacabado na terra, pisoteado pelo pavor, uma imagem que ficou grudada em mim como uma mancha no cérebro que não sairia nunca mais.

Eu havia profanado meu próprio templo. E fiz eu mesmo ter medo de mim.

À TARDE

Kézia Alho Moura

Era 20 de maio de 2025, por volta das sete da noite. O sol ainda insistia em permanecer no horizonte, tingindo o céu de tons alaranjados, enquanto eu fazia minha caminhada diária. As ruas estavam cheias de gente: barzinhos com mesas e cadeiras espalhadas pelas calçadas, pessoas passeando com seus cães, outras cumprindo o cárdio do dia, assim como eu. Com os fones de ouvido no volume máximo, estava imersa na voz de Thiaguinho, justamente no refrão de “Energia Surreal”, quando senti alguém tocar meu ombro. Tirei os fones e me virei, era Paulo, um amigo da família.

Cumprimentamo-nos como quem se cruza por acaso, trocando aquelas frases de rotina, e seguimos lado a lado, jogando conversa fora enquanto caminhávamos. De repente, Paulo perguntou por Raul. Naquele instante, entre o vai e vem das pessoas, o som das músicas que escapavam dos bares, as conversas dos pedestres e as buzinas impacientes dos carros, a lembrança de 10 de janeiro me veio à mente viva, intensa, como se tivesse acontecido há poucos minutos.

Final de tarde, sexta-feira. Enquanto tomávamos café, Raul, como de costume, se gabava de seus conhecimentos superficiais. Paulo e eu trocamos olhares, incrédulos com tanta convicção em ideias tão

frágeis. Para aliviar o clima, contei a Paulo sobre um episódio da série *The Office*, em que Michael Scott tenta ensinar diversidade sem ter nenhum preparo e acaba revelando preconceitos e ignorância. Todos rimos, e Raul, sem perceber, voltou ao seu café como se fosse o mais sábio do grupo.

A conversa parecia ter encerrado, mas Raul voltou a falar; dessa vez, sobre aprendizado de línguas. Com ar de especialista, afirmou:

— Eu acho isso de aprender outra língua uma completa perda de tempo e dinheiro.

Paulo levantou as sobrancelhas, surpreso, e respondeu em tom irônico: — Fala o “mestre” sem estudo, mais presunçoso do que eu!

Raul, imperturbável, retrucou:

— Eu tenho o conhecimento do Google para a minha vida.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, sem acreditar no que tínhamos ouvido.

Paulo então insistiu:

— Mas, Raul, como alguém pode esquecer o próprio idioma e ainda aprender outro? Você não acha que está exagerando?

Raul deu de ombros, seguro de si, e acrescentou:

— Para que aprender inglês se eu já me viro bem com o tradutor?

Paulo não se conteve e riu alto. Eu também não consegui segurar a gargalhada e, por um instante, todos rimos juntos, não porque Raul tivesse dito algo brilhante, mas pelo absurdo da situação.

Ana, que até então estava calada, entrou na conversa:

— Você sabia que aprender uma nova língua melhora a memória, a concentração e até ajuda a evitar doenças cognitivas no futuro?

Raul balançou a cabeça, descrente:

— Balela de professor...

Paulo cruzou os braços, divertido:

— Raul, você é um caso clássico do efeito Dunning-Kruger.

Raul arregalou os olhos sem entender. Ana explicou, pacientemente:

— É quando a pessoa sabe pouco, mas pensa que sabe muito.

Mais uma vez, rimos. Raul, no entanto, manteve o ar confiante, como se ainda fosse o dono da verdade.

SAUDADES

Luciane Carmem Ratkiewicz

Falar de saudades é falar de um sentimento que não se desfaz com o tempo: ele se instala no coração e permanece, mesmo quando os dias passam e a vida tenta seguir seu rumo. Hoje faz quatro anos que me pego olhando para o vazio, tentando imaginar como seria se meu pai ainda estivesse aqui. E, nesse instante, percebo que a saudade está comigo, como uma companhia silenciosa que insiste em me acompanhar. Ela se manifesta quando ouço uma canção que me lembra meu pai, quando sinto o cheiro de um prato de que ele gostava, quando, sem perceber, repito algum gesto que aprendi observando. Meus familiares que já se foram continuam presentes de maneiras sutis. Em cada conselho que ainda ecoa na minha mente, em cada detalhe do cotidiano que me devolve um pouco da presença deles.

Pensando no agora, a saudade me mostra que a ausência também pode ser forma de presença, porque, ao recordar, sinto que eles continuam vivos dentro de mim.

Hoje, ao olhar o calendário, percebi que já se passaram quatro anos desde que meu pai partiu. Parece pouco, mas dentro de mim esse tempo carrega um peso imenso. Ainda é difícil acreditar que tanto tempo se passou sem ouvir sua voz, sem sentir sua presença em casa. Sua

ausência me acompanha em cada detalhe do cotidiano, nos conselhos que já não posso mais receber, uma sensação de que algo sempre falta. É como se uma parte de mim tivesse ficado suspensa naquele dia em que precisei aprender a ter força, e a viver com a falta dele.

A lembrança do meu pai traz à tona outras ausências que marcaram minha vida. Antes dele, já havia enfrentado a dor da morte dos meus avós. Lembro-me muito bem da minha avó, do tratamento que ela tinha comigo, seus ensinamentos dedicados a me fazer aprender tricô, crochê, sempre com um sorriso pronto e um colo quentinho. A sua partida deixou um vazio que parecia insuportável. Meu avô era mais distante, ele gostava muito de beber, estava todos os dias nos bares, chegava em casa e nem conversava, tomava seu banho e ia dormir. Muitas vezes ficava de picuinha com minha avó. Meu avô também veio a falecer.

Além dos meus avós, meus três tios faleceram também, cada um deixando um rastro de saudade diferente. Um deles era aquele que sempre chegava contando piadas, histórias engraçadas. Lembro de um certo final de semana, era aniversário do meu tio, ele fez um almoço, a família toda se reuniu. Logo após o almoço, ele pegou sua Variante e colocou todas nós, crianças, atrás do bagageiro e nos levou dar voltas pelo bairro, fizemos a maior bagunça, e foi um final de semana muito divertido.

O outro tio era o que aconselhava em momentos difíceis, como minha tia o chamava, era “rabugento”, pois sempre estava de cara amarrada, parecendo um rabugento. E o terceiro era também um pouco fechado; como meu avô, gostava de beber e ir aos bares encher a cara. Todos os tios, o avô e meu pai faleceram por causa da mesma dependência de álcool.

A cada despedida, parecia que minha família ia diminuindo, mas nenhuma perda foi tão dura quanto a perda do meu pai. Me pegava olhando no espelho e me perguntando: “Por quê?”. Mesmo com essas perdas, eles continuam presentes, não em corpo, mas na memória, nas histórias, nos gestos que herdei sem perceber.

É verdade que as perdas me marcaram, mas também me fizeram mais forte, mesmo com o coração apertado, sigo em frente, honrando cada lembrança e tentando ser, a cada dia, um pouco daquilo que aprendi com eles. E escrever sobre isso é, portanto, um jeito de conversar com eles hoje, de mantê-los próximos e de reconhecer que, mesmo distantes fisicamente, permanecem fazendo parte da minha história.

No fundo, essa saudade não é apenas ausência, é também presença, é memória que resiste ao tempo e, acima de tudo, é amor que permanece.

A CARTA

Marcos Antonio Brescovici

Ao chegar em casa no final da noite, depois de umas cervejas com os amigos, ouvindo boas músicas e jogando conversa fora, ou dentro, sei lá... entrei no meu escritório e bati o olho num livro que eu havia lido há muito tempo. O tema tinha a ver com o bate-papo recente: “O admirável mundo novo”, de Aldous Huxley.

Afoito, abri na intenção de localizar um fragmento que pudesse comprovar minhas teorias. Ao tirá-lo da estante, ele abriu-se deixando escapar uma folha dobrada em três partes. Com o movimento após a queda, ela escondeu-se embaixo da escrivaninha. Abaixei-me com certa dificuldade para alcançá-la, ao conseguir, fiz o movimento para devolver ao seu lugar de origem, porém a curiosidade tomou conta de mim. O que será que continha? Por que estava ali? Há quanto tempo?

Larguei o livro sobre a mesa, sentei-me, respirei e desdobrei vagorosamente o papel, notei que eram duas folhas, era uma carta que eu recebi de um amigo. Pela data, ela fora escrita há trinta anos, um pouco menos do que havia lido o livro.

O início dela era o tradicional das cartas escritas na época: local, data e uma saudação.

“Prezado amigo Marcos!”

Numa caligrafia segura e às vezes um pouco difícil de decifrar, meu grande amigo enviava notícias não tão boas do momento familiar tumultuado que vivia e que logo depois desencadeou em separação, fato que causou muito sofrimento.

Lembrar daquele momento causou várias sensações: a saudade do amigo querido e daqueles dias sombrios que passou, e que as mágoas eram partilhadas por cartas, as quais demoravam dias para chegar e muitos outros para a resposta retornar.

Por outro lado, brotou um sentimento bom, por saber que, ao contrário da carta que ficou guardada, a vida seguiu livre e ele conseguiu se refazer; nossa amizade continua, agora facilitada pela tecnologia.

HÁ MUITO TEMPO

Sofia de Barros Togni

Hoje achei uma foto,
de muito tempo atrás.
Nela, estávamos eu e minhas irmãs
em nossas bicicletas
sorrindo para a foto.

Éramos crianças,
três meninas,
felizes pela rua.

A vida era outra,
e o tempo,
também outro.

Andávamos livres,
éramos livres.
Livres para brincar,
para sonhar.

Andar de bicicleta
tinha gosto de liberdade.
Os tombos faziam parte,
a alegria era diária.

As ruas nos eram comuns,
eu e minhas irmãs,
Sempre juntas, andando de bicicleta...

Uma memória
que tem gosto de saudade,
e sabor de liberdade.

MENSAGEM (FINAL DE TARDE)

Taysa Kauana dos Santos Rodrigues

Saí do banho, atrasada. Com pressa, sequei rapidamente meu cabelo curto, peguei a bolsa e o celular, no mesmo momento recebo uma notificação. Estava atrasada para a aula, mas não resisti à curiosidade, era uma mensagem do meu pai, às 17:43, em um final de tarde nublado. Passei o olhar pela mensagem, que era estranhamente carinhosa e saí correndo até o ônibus.

O ponto de ônibus estava a meia quadra de distância e, enquanto passava pelas casas, me perguntava e tentava desvendar o motivo daquela mensagem. Meu aniversário foi há dois dias e não recebi felicitações dele, agora, essa mensagem

Consegui chegar até o ônibus, mas aquele acontecimento ainda causava estranheza. Não parecia o mesmo homem que abandonou a família há quinze anos. Eu tinha sete anos de idade e lembro como se fosse ontem. Era uma tarde chuvosa e eu estava com meu irmão mais novo na casa da avó Aurora, estávamos montando um quebra-cabeça em um ambiente muito aconchegante, tinha cheirinho de bolo de fubá. Meu pai chegou e anunciou que PRECISAVA ir embora, deu um abraço e saiu.

Senti tristeza e raiva, mas principalmente confusão, porque não sabia o motivo de aquilo estar acontecendo. Porém, apesar de todos esses sentimentos negativos, não pude fazer muita coisa a não ser acudir meu irmão que chorava incontrolavelmente.

O ônibus parou no sinal vermelho e foi assim que voltei ao presente, levei um susto. Respondia à mensagem: “Estou bem. Também tenho saudades”. E por alguma razão fiquei com medo de receber uma resposta.

Fiquei a viagem toda pensando nisso e, quando cheguei na sala de aula, recebi outra mensagem, que dizia: “Te amo, filha”. Senti alívio

O COELHO

Tereza de Siqueira Mariano da Silva

Quando eu tinha quinze anos, percebi meu primeiro cabelo branco. Arranquei-o imediatamente, e passei o resto do meu aniversário tentando acreditar que já não imaginava ver o fim se aproximando. Mais daqueles vieram nos meus dezesseis, dezessete e dezoito anos. Já aos trinta conquistei a capacidade de não me importar tanto, exceto quando eu me lembrava de me sentir desgostosa com eles.

Agora, em frente ao espelho do banheiro, a luz acima da moldura destacava os vários novos fios. Demais para arrancar. Muitos começam com cor, desbotando com o tempo. Outros parecem nunca a ter tido. E olhando para os vários fios prateados, que lentamente engoliam a cor, eu me lembrei, impossivelmente, de Nero.

Nero era um morador permanente de uma casa de repouso no interior de São Paulo. Ao contrário de seus colegas de criação, ele nunca teve muita cor em nenhum pelo de seu corpinho. Era um desses filhotes de agropecuária que cresceu demais para a venda, e vivia na casa sob a obrigação solene de entreter trazendo vida e conforto a todos os seus integrantes. O feroz coelho, ao contrário de seus irmãos, ressentia-se de seu trabalho, e se esforçava para se tornar o mais escasso possível. Ele não aparecia a menos que fosse arrastado, à força, para dentro, e mordida

a todos que tentavam. Tamanha vitalidade era tolerada pelas enfermeiras com a paciência exasperada de quem passa o dia lutando com seus pacientes para fazer seu trabalho.

Quando passei a frequentar o lugar, ouvi alguns dos idosos se referindo a ele: “O Nero fugiu fugido!”, exclamava o seu Inácio. “Aquele patife pode muito bem ter atravessado a rua”, a dona Lydia, ao meu lado no sofá, resmungava. Ela havia tentado atravessar a avenida movimentada da frente da casa de repouso na semana anterior, tentando chegar ao parque do outro lado. Claro, ela tinha sido parada antes de conseguir escalar o muro, e amorosamente puxada para baixo e de volta à casa. “Nero, Nero, Nero”, repetia a mulher. “Isso mesmo dona Lydia! O Nero, o coelhinho fujão”, a cuidadora ao lado da senhora acariciava seu braço, pacientemente. Quando me viu olhando, inclinou por cima da cabeça branca, os olhos gentis. “Você já ouviu falar do nosso artista de fuga? Pois é, o Nero, o Nerinho fujão. Ele está no jardim em algum lugar”.

“Se ele não atravessou a rua!”, exclamou seu Inácio, olhos embotados focados em mim. “Nero odeia isso aqui, não vê a hora de atravessar a rua e ir embora!”.

“Ele só está um pouco ranzinza, só isso. Devia conhecer gente nova, que assim parava de querer fugir”, a cuidadora ajudou dona Lydia, lentamente, a levantar-se do sofá. O móvel plastificado desgrudou ruidosamente das pernas finas da mais velha. Eu, ainda sentada, não ouvia mais o balbúcio da senhora, nem a resposta do seu Inácio. Eu só tinha olhos para a porta de vidro, e o jardim exuberante afora.

“Mãe, mãe, mãeeee”, chamei, sem tirar os olhos da porta. “Posso ir ali no jardim?”. Minha mãe, que tentava sem sucesso terminar o jogo de damas com a vovó, respondeu também sem olhar: “Tá, mas é rapidinho. E quando me ouvir chamar, você volta”.

Eu já corria porta afora. O jardim era uma desordem de plantas e terra em todos os tipos de vasos, desde porcelana até pneus repintados. Os muros erguiam-se verde menta ao redor do terreno, cobrindo a visão até não parecer haver mais nada ali, exceto a casa e o jardim.

Nunca havia saído da casa principal, colada por medo à minha mãe, mas a partir daquele dia passei muito das minhas tardes procurando o coelho. Eu sabia que em algum lugar ele deveria estar. Provavelmente só estava assustado. Aquele lugar era grande e meio feio, com as paredes altas, a casa menta e os móveis de plástico. Ele deve estar evitando o sem fim de senhores e senhoras, os rostos cansados, as bocas sempre viradas.

Eu procurei pelo branquinho de orelhas rosadas por dias. Na terça, a vovó já não lembrava direito porque estávamos ali. Na sexta esqueceu, ela mesma, que nunca deixava nada passar, perdeu o nome de todas as enfermeiras. Foi tudo ficando, lentamente, fora do seu alcance. No fim, sabia que gostava da minha mãe, mas parou de chamar ela de filha. Nunca mais me olhou, se é que me olhou. E, quando olhava, os olhos grudavam de tal forma que nunca mais me deixava. Eu comecei a evitar entrar na casa, a procurar Nero com mais afinho. Depois disso, mamãe parou de me levar junto nas visitas.

Nunca achei o Nero, no fim das contas. Nem sei o que teria feito se tivesse achado. Pedi ao meu irmão mais velho, que agora me substituí nas visitas da minha mãe, que procurasse o coelhinho, que seguisse minha busca para que ele não ficasse sozinho naquele jardim. Eu sabia que os irmãos do Nero estavam todos presos e não tinham mais vontade de fugir. Na minha cabeça de criança, deveria sempre ter alguém ali, procurando por Nero.

“Nero? O coelho você quer dizer?”. Ao meu aceno, ele bufou: “Você não ouviu? Não encontram ele faz tempo. Acham que ele atravessou a rua”.

DO CAOS A UMA ESPERANÇA DE FUTURO

Yessica Cecato Alves

Estou a um mês do meu aniversário, essa é uma data delicada, posso dizer que é um momento complexo, de muitas reflexões, sentimentos e nostalgia. Gosto muito de sentar e pensar se as minhas escolhas e o modo como estou vivendo fazem sentido.

Falando em fazer sentido, essa semana lembrei-me do meu primeiro dia de aula. Com vinte e dois anos iniciei a minha graduação em Letras, em uma cidade praticamente estranha, em uma universidade distante, bem distante, praticamente escondida do resto da cidade.

Era um dia chuvoso, um dia feio, meu primeiro dia andando de lotação pela cidade, sem conhecer nada e nem ninguém, andei por 40 minutos em pé no ônibus, molhada da chuva, sem conhecer a estrutura da universidade, sem saber qual era minha sala; o meu único acolhimento do dia foi um pedaço de bolo de chocolate e um café com leite. As dúvidas eram constantes, será que eu havia feito a escolha certa?

Hoje é sexta-feira, dia 15 de agosto de 2025, já se passaram aproximadamente quatro anos desde que iniciei a minha graduação, estou saindo da sala de aula e são 22h, estou indo em direção ao estacionamento, meu coração está feliz e posso até dizer que hoje é o dia

que tudo começou a fazer sentido. Estou transbordando gratidão, hoje tive a confirmação de que eu fiz a escolha certa, coisas boas acontecem.

MEMÓRIAS DISTANTES

Yulimar Carolina Hidalgo Pantoja

Lembro-me bem de uma tarde de inverno aqui no Brasil. Eu estava a caminho da faculdade, por volta das 18h, quando senti no ar o cheiro de chaminés acesas. Naquele instante, viajei na minha mente direto para a Venezuela.

Na minha juventude, quando chegava o Natal, toda a família se reunia para preparar a comida tradicional. Geralmente era na casa da minha avó, e cada um tinha uma tarefa: uns cortavam as verduras, outros temperavam o guisado, enquanto outros buscavam e limpavam as folhas de banana. O fogão a lenha precisava ser preparado com antecedência, pois nele seria cozinhado aquele grande banquete.

Meu pai tinha o costume de comprar um porquinho inteiro para que todos pudessem compartilhar. Era uma festa de sabores, cheiros e abraços. Foi, sem dúvida, a época mais feliz da minha vida.

Naquele tempo, a casa nunca ficava vazia: entre músicas, histórias do passado e gargalhadas, o ambiente era cheio de vida. E, por um momento, entre a alegria do que vivi e a saudade do que não voltará, pensei no que quero deixar para o meu filho. Senti o peso e, ao mesmo tempo, a beleza da responsabilidade de criar boas memórias para ele,

para que um dia também possa se lembrar com carinho de sua infância e sentir que foi amado.



DIALÉTICA
EDITORA

Este livro foi impresso sob demanda, sem estoques. A tecnologia
POD (Print on Demand) utiliza os recursos naturais de forma
racional e inteligente, contribuindo para a preservação da natureza.

"Rico é aquele que sabe ter o suficiente"
(Lao Tze)